**Vernon Frolick**

16 de Fevereiro de 2025

[**A Cultura Russa do Estupro**](https://www.ceedweb.ca/wp-content/uploads/2025/02/Russia-Rape-Culture.pdf)

[**A centralidade do estupro no mundo russo**](https://www.ceedweb.ca/wp-content/uploads/2025/02/Russia-Rape-Culture.pdf)

Traduzido para o português por **Luiz Assunção de Oliveira Neto**



15 Viking Lane, Suite 607 Toronto, Ontario, Canada M9B 0A4

Email: [01Ceed@gmail.com](mailto:01Ceed@gmail.com) **| Website**: [www.CEEDWeb.ca](http://www.ceedweb.caa)

**Resumo executivo**

A Rússia não é um Estado moral. Não é um Estado cristão. Não é anti-imperialista nem anticolonial. Não é a maior nação do mundo abrangendo 11 fusos horários, mas sim um sistema imperial opressor no qual o Estado russo, centrado em Moscou, há muito tem forçado as nações contíguas conquistadas a permanecerem sob seu domínio absoluto, sob ameaça de destruição nacional e genocídio. É o Império Russo, e não a nação russa, que se estende por 11 fusos horários. Foi Vladimir Lenin, líder da Revolução Comunista, quem rebatizou o “Império Russo” como “Federação Russa” e os Estados vassalos da Rússia como “repúblicas autônomas”. Mas nada mudou. O império e todos os seus abusos permanecem intactos até hoje – o último sistema imperial sobrevivente no mundo. Durante a turbulência dos anos 1990 no império russo, quando do colapso do seu ainda maior império *soviético*, as suas 22 “repúblicas autônomas” também tentaram se libertar. Elas também buscavam liberdade e independência. Nenhuma teve sucesso. Dentre todas, apenas a Chechênia se recusou a recuar e, como consequência, a Rússia lançou duas guerras totais contra a Chechênia, de 1994 a 2009, bombardeando suas cidades até a obliteração, cometendo estupros em massa, tortura, deportações em massa e assassinatos generalizados para esmagar o povo e sua luta pela independência.

Vladimir Putin é um coronel do KGB, treinado em espionagem e propaganda, que matou ou prendeu todos que se opuseram ao seu governo autocrático e à sua imitação autopromocional do culto stalinista. O chefe da chamada *Igreja Ortodoxa Russa* – outrora banida por Stalin, mas depois reinventada como um sistema controlado pelo Estado para endoutrinação dos cidadãos – é um bilionário oligarca chamado [Vladimir Gundyayev](https://en.wikipedia.org/wiki/Patriarch_Kirill_of_Moscow), agora coroado como “Patriarca” Kirill. Como oficial ativo do KGB, seu trabalho inicial envolvia representar a posição da “Igreja” Russa no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra, em 1971, para desviar qualquer crítica à repressão soviética contra os cristãos e redirecionar as críticas globais para os Estados Unidos, acusando-os falsamente de crimes contra o cristianismo. O esforço mais recente de Gundyayev/Kirill em nome da agenda imperialista da Rússia foi [declarar uma “guerra santa” contra os Estados Unidos](https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/russian-orthodox-church-declares-holy-war-against-ukraine-and-west/) como líder de um “Império Satânico” e promover o extermínio da nação ucraniana, matando dezenas de milhões de cristãos genuínos como o primeiro passo para conquistar a Europa e confrontar o poder americano.

Desde fevereiro de 2022, quando iniciou sua guerra em grande escala contra a Ucrânia, a Rússia torturou e [assassinou deliberadamente 70 padres e clérigos cristãos](https://www.osvnews.com/russia-killing-clergy-banning-religions-in-occupied-ukraine-says-foreign-minister/) e bombardeou e destruiu mais de 630 igrejas e locais de culto ucranianos. [Todos os padres católicos foram mortos](https://www.ncronline.org/news/not-single-catholic-priest-left-russian-occupied-ukraine-reveals-major-archbishop) ou fugiram das áreas ocupadas pelos russos. Longe de ser cristã, a Rússia está travando uma guerra contra o cristianismo na Ucrânia, assim como Stalin fez.

As campanhas de propaganda bem-sucedidas da Rússia, financiadas com dinheiro da exportação de petróleo e gás e operadas por um maciço sistema de segurança e desinformação para promover sua imagem na mídia ocidental, projetam uma Rússia que é moralmente equivalente, se não superior, aos seus adversários ocidentais. Por meio de programas de “Estudos Russos” criados com financiamento russo em todas as principais universidades ocidentais, a Rússia endoutrinou com sucesso milhões de estudantes por décadas – agora líderes nos negócios e na indústria – com a ideologia de uma “grande Rússia”. A verdade, no entanto, é completamente diferente. A Rússia hoje tem as maiores taxas de doenças, pobreza, alcoolismo, abuso de drogas, encarceramento, AIDS, prostituição, aborto e divórcio, e as menores expectativas de vida em todo o mundo moderno. De fato, a Rússia não é um Estado “moderno” por qualquer padrão ocidental, mas permanece profundamente enraizada na mesma ideologia imperial antiocidental do século XIX, que a levou a investir 101 anos de guerra contínua para [invadir, estuprar e assassinar a nação circassiana](https://en.wikipedia.org/wiki/Circassian_genocide), e então, 75 anos depois, a se aliar à Alemanha nazista em 1939 para, conjuntamente, invadir e conquistar a Europa – assim como agora se alia à China e à Coreia do Norte para seguir com esse mesmo objetivo de dominação europeia, sendo o seu primeiro passo a ocupação da Ucrânia e o extermínio dos ucranianos.

O [estupro em massa de 2 milhões de crianças e mulheres alemãs](https://www.theguardian.com/books/2002/may/01/news.features11) pela Rússia após o colapso do Estado nazista e a ocupação russa do leste da Alemanha não foi nenhuma anomalia, mas uma política de Estado que remonta aos anos 1700 e continua até hoje. A centralidade do estupro e de outras formas de tortura como uma política de Estado russa projetada para destroçar o espírito dos povos que foram derrotados pela Rússia e cuja submissão absoluta à autoridade russa é exigida, tornou-se evidente pela primeira vez durante o genocídio circassiano, foi testemunhada outra vez durante as Guerras da Chechênia – nas quais atrocidades russas foram registradas por observadores internacionais – e agora está sendo vivenciada diariamente na guerra da Rússia contra a Ucrânia, onde praticamente todos os prisioneiros ucranianos nas mãos dos russos, homens e mulheres, são estuprados e torturados – muitos mutilados genitalmente. Sem temer consequências do Ocidente, o assassinato sistemático de prisioneiros ucranianos tornou-se agora uma política de Estado oficial da Rússia.

**Resumo**

Muitas pessoas, talvez a maioria, veem a Rússia como ela deseja ser vista, e não como realmente é. O maior sucesso da Rússia desde o fim do século XX até hoje tem sido direcionar a atenção crítica global para o Ocidente, em particular para o alegado imperialismo americano e britânico, e desviar a atenção de seu próprio tratamento atroz das centenas de culturas e nações autóctones e minoritárias que *permanecem* prisioneiras – enquanto não foram deliberadamente exterminadas ou desapareceram por completo – dentro da eufemisticamente chamada *Federação* Russa. Mas atenuar a realidade não remove a verdade substancial de que a Rússia *não* é a maior *nação* do mundo, abrangendo 11 fusos horários, mas é e pretende continuar sendo *um império* de Estados contíguos que se estende por 11 fusos horários e no qual suas numerosas nações subjugadas exercem pouca ou nenhuma liberdade, vivendo em condições pouco melhores do que as que conheciam no fim do século XIX.

Pergunta-se: por que, com toda a sua riqueza, a Rússia não desenvolveu suas partes orientais? Por que dezenas de milhões de pessoas vivem em condições miseráveis, sem ruas pavimentadas, água encanada, banheiros ou assistência médica? Por que os recursos dessas “regiões”, a vasta riqueza em petróleo, gás e minerais, não são gastos no desenvolvimento da infraestrutura local e na melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, mas são desviados para Moscou e São Petersburgo? A resposta é reveladora: porque essas “regiões” não fazem parte da Rússia de forma alguma, mas são colônias russas compostas por nações estrangeiras que há muito sofrem sob a dominação e exploração russa. Ao clássico estilo colonial, seus recursos são usados apenas para enriquecer o poder colonizador, a Rússia. Na verdade, a Rússia mantém deliberadamente suas colônias – chamadas desde 1922 de “repúblicas autônomas”, quando Vladimir Lenin as rebatizou como “repúblicas” em vez de “colônias” – em um estado de pobreza severa, a fim de mantê-las dependentes da Rússia e impedir qualquer movimento de independência que a prosperidade poderia permitir.

Sem desconsiderar qualquer crítica que possa ser legitimamente direcionada ao colonialismo britânico, deve-se reconhecer que a Grã-Bretanha fez muito por suas colônias, construindo estradas, hospitais, sistemas de água e esgoto, universidades, ferrovias, tribunais e sistemas de justiça. As antigas colônias britânicas não apenas são livres hoje como estão entre as nações mais bem-sucedidas do mundo. As colônias da Rússia, por outro lado, têm poucos serviços, seu povo tem poucas oportunidades, suas histórias, culturas e línguas são sistematicamente suprimidas, seus líderes nacionalistas são rotineiramente assassinados, e suas próprias existências são praticamente escondidas do mundo exterior. Em sua classificação anual internacional de liberdades civis, a [*Freedom House* põe a Rússia (com suas 22 repúblicas) no fundo da lista](https://freedomhouse.org/countries/freedom-world/scores), junto com Angola, Afeganistão, Uganda, Venezuela e China. Da mesma forma, a [Repórteres Sem Fronteiras e a *Economist Intelligence* classificaram a Rússia](https://en.wikipedia.org/wiki/International_rankings_of_Russia#Economic) como um Estado autoritário repressivo.

A Rússia faz de conta que é um Estado moderno, moral e cristão a promover “valores familiares” e harmonia racial. Mais uma vez, nada está mais longe da verdade. A Rússia trata seu próprio povo, os russos étnicos, como superiores a todas as outras etnias do império, privilegiando os russos acima do resto. Em sua guerra imperial contra a Ucrânia, buscando expandir sua riqueza e poder ao se apoderar dos recursos e indústrias ucranianas antes de avançar para a próxima conquista, [recruta desproporcionalmente pessoas das repúblicas asiáticas](https://www.themoscowtimes.com/2024/02/24/2-years-into-ukraine-war-russias-ethnic-minorities-disproportionately-killed-in-battle-a84170), forçando-as a lutar e morrer na nova guerra imperial da Rússia. [As mortes dos buriates, um grupo étnico mongol nativo do sudeste da Sibéria](https://www.wilsoncenter.org/audio/buryatia-and-high-toll-russias-war-ukraine-ethnic-minorities) cujos ancestrais governaram os moscovitas-russos, assim como as mortes dos povos tuvanos, calmucos, chukchis e nenetses, entre outros, não são lamentadas pelos russos étnicos.

A forma como a Rússia trata aqueles que caem vítimas de suas ambições imperiais revela a verdadeira natureza da “cultura” russa e desmascara o adjetivo obsceno, “Grande”, que seus bajuladores usam para descrevê-la. O termo que os próprios russos usam para descrever os homens recrutados dessas repúblicas não russas, assim como aqueles retirados das prisões russas e levados para as linhas de frente, é “carne”. Afora servir às ambições imperiais da Rússia, suas vidas não têm valor, e suas mortes são insignificantes para os governantes russos. Nada de novo.

**Sob a Rússia imperial czarista**, ao expandir seu império para o Cáucaso, a Rússia confrontou a nação circassiana. Quando os circassianos se recusaram a se submeter à dominação imperial russa, a Rússia lançou contra eles a guerra mais longa da história humana, ultrapassando os 100 anos, em um esforço determinado a exterminar a nação e a população circassiana. As táticas russas incluíam a degradação étnica do povo circassiano como “lixo subumano”, o estupro em massa de mulheres circassianas e sua mutilação física e sexual, a tortura da população civil e campanhas generalizadas de extermínio. (Para detalhes dessas guerras e práticas russas, consulte o meu artigo [*The Case Against Russia: History’s Greatest Criminal*](https://www.ceedweb.ca/wp-content/uploads/2025/02/The-Case-Against-Russia.pdf)).

**Sob a Rússia imperial soviética**, os líderes russos orquestraram a fome em massa das nações [ucraniana](https://holodomormuseum.org.ua/en/the-history-of-the-holodomor/) e [cazaque](https://daviscenter.fas.harvard.edu/insights/remembering-kazakh-famine) em 1932-33, matando milhões, para esmagar-lhes a resistência à dominação imperial russa. Em 1945, após a queda de Berlim, a ocupação russa do leste da Alemanha começou com o [estupro em massa de mulheres alemãs](https://www.theguardian.com/books/2002/may/01/news.features11), estimado em mais de dois milhões de meninas e mulheres com idades entre 8 e 80 anos, muitas das quais morreram durante estupros brutais em grupo, sofreram danos físicos irreparáveis e cometeram suicídio. Culminando no maior estupro em massa da história, essas táticas russas de terror, destinadas a aniquilar a resistência de um povo subjugado, refletiam fielmente as mesmas políticas e práticas da Rússia czarista.

**Sob a Rússia pós-soviética**, as duas invasões russas da Chechênia (1994-96; 1996-2009) – uma colônia que tentou recuperar sua independência – testemunharam novamente as mesmas táticas de terror: o assassinato em massa da população civil, a tortura e mutilação de chechenos e o estupro em massa de mulheres chechenas. Além da brutalidade clássica da Rússia, a cobertura moderna e as comunicações registraram outra característica da cultura russa, até então oculta da consciência ocidental: o **estupro masculino**. O estupro público de homens chechenos capturados por soldados russos foi amplamente relatado na imprensa ocidental, mas o que foi igualmente revelador foi a reação às notícias dentro da própria Rússia. Comentaristas russos não ficaram surpresos com os relatos, reconhecendo que o estupro masculino era já há bastante tempo uma característica regular das hierarquias de dominação na cultura russa, especialmente no exército, onde jovens recrutas são frequentemente [estuprados por oficiais superiores e traficados como prostitutos masculinos](https://www.foxnews.com/story/group-russian-soldiers-forced-into-prostitution). O que surpreendeu aqueles comentaristas russos foi apenas o fato de que agora tudo isso era feito à plena vista do público, em vez de em câmaras de tortura ou quartéis privados.

**Estupro masculino na Rússia: *Dedovshchina***: A prática do estupro masculino dentro da cultura russa é tão comum que tem um papel histórico e honrado no estabelecimento das hierarquias masculinas, humilhando e degradando aqueles que são estuprados e afirmando a dominância dos estupradores sobre suas vidas. [A prática do estupro de homens de escalão baixo ou inferior por homens hierarquicamente superiores, conhecida como *dedovshchina*](https://en.wikipedia.org/wiki/Dedovshchina), tem uma longa tradição dentro da sociedade russa. Embora a Rússia em geral, e os homens russos em particular, rejeitem a homossexualidade e se declarem estritamente heterossexuais, a prática generalizada da ***dedovshchina*** revela uma sexualidade brutal e uma humilhação dos russos de condição inferior que não é vista em nenhum outro lugar do mundo. A ***dedovshchina*** explica por que soldados russos, ordenados a arremeter contra as defesas ucranianas em ataques de “carne” sem chance de sucesso, ainda assim correm para a morte.

**Imagem acima de realidade**: A obsessão russa em competir com o Ocidente para provar que sua peculiar ideologia nacionalista é, no mínimo, igual, se não superior, às conquistas culturais e tecnológicas ocidentais tem sido a característica dominante de suas relações com o Ocidente há mais de um século.

Enquanto a Rússia faz de conta que é uma defensora anticolonial dos povos oprimidos e um Estado profundamente enraizado nos valores cristãos tradicionais da família e comunidade, um exame mais atento da realidade do “mundo russo” por trás da máscara criada por seu maciço sistema de propaganda revela uma sociedade profundamente corrupta e imoral. E, o que é importante, uma sociedade que não pode ser reformada devido à sua mentalidade imperial profundamente enraizada.

**A Rússia nunca foi responsabilizada:** A Rússia não é um Estado “moderno”, mas um que sobreviveu essencialmente intacto ao longo de suas várias iterações. Desde seus primórdios czaristas, herdados dos governantes mongóis de Moscou, com suas violentas guerras de conquista colonial, passando por sua longa história de ocupação soviético-stalinista da Europa Oriental com seu sistema Gulag de prisão e trabalho escravo em massa, até o atual Estado imperial pós-soviético sob Vladimir Putin, a Rússia resistiu à mudança e permanece imersa em uma mentalidade imperial desumana. As suas recentes guerras de conquista na Geórgia, na Chechênia e agora na Ucrânia foram conduzidas com a mesma selvageria que viu os russos estuprarem em massa dois milhões de mulheres e crianças alemãs após a derrota da Alemanha e, sob os czares, exterminarem toda a população circassiana após cometerem atos horrendos de crueldade. Rostos diferentes, mas sempre a mesma Rússia. A política de Estado russo nos territórios ocupados da Ucrânia é novamente o assassinato indiscriminado de civis em dezenas de centros de tortura, acompanhado por atos de estupro e mutilação sexual. Crimes de guerra documentados, aprovados pelo Estado, e não obstante cometidos livremente por soldados russos “comuns”, somam cerca de 200.000. O número de russos diretamente implicados em crimes de guerra, seja como autores principais, seja como cúmplices e partes que encorajaram ou facilitaram os crimes, ultrapassa um milhão. Além disso, a quantidade de russos que, conquanto não sejam legalmente responsáveis por crimes de guerra, ainda assim apoiam sem reservas a invasão da Ucrânia, o bombardeio de hospitais, escolas, mercados e apartamentos residenciais ucranianos, bem como aprovam a amplamente divulgada tortura e assassinato de ucranianos em absoluto inocentes, abrange quase toda a população russa, tanto dentro da Federação quanto em toda a diáspora russa. O mundo russo é uma cultura imperial que se orgulha de suas conquistas e do medo que seu Estado inspira nos outros.

**A Rússia aliada à Alemanha nazista**: Quando examinada, não há nada que a Rússia seja ou tenha que ofereça ao mundo qualquer valor ou paz. Pelo contrário, e não muito diferente da Alemanha nazista – cujas ambições e políticas genocidas a Rússia compartilhou nos dois primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, até que a Alemanha rompeu seu acordo com a Rússia –, para todos aqueles que tiveram o infortúnio de ser seus vizinhos e que foram forçadamente ocupados por ela, a Rússia tem sido um pesadelo vivo.

**O sistema hierárquico de tipo mafioso da Rússia**: O sistema hierárquico de poder da Rússia – que se assemelha mais a uma organização mafiosa do que a um Estado moderno – é estruturado para o benefício exclusivo de sua pequena classe dominante. Em sua estrutura de poder vertical, o poder final e absoluto reside no chefe de Estado, atualmente Vladimir Putin, e se irradia através de camadas concêntricas em direção à base, com cada nível devendo seus privilégios – se não para prosperar, ao menos para sobreviver – àqueles que lhes são imediatamente superiores.

**Milhões de russos na extrema pobreza**: Os russos se importam muito com sua imagem. Talvez mais do que qualquer outro Estado, porque, em seu cerne, a Rússia não adota nenhum valor além do poder e dos privilégios que o poder confere. As imagens cintilantes dos oligarcas russos, com seus filhos e amantes bem-vestidos desfilando as vidas dos ricos e famosos em Paris, Londres, Milão e Nova York, obscurecem uma verdade brutal: a imagem é um fino e corrupto verniz. Por trás dela, dezenas de milhões de russos vivem em condições miseráveis. Sem água encanada ou esgoto, eles vivem como seus ancestrais no século XIX, esvaziando baldes de dejetos humanos todas as manhãs em fossas abertas em cidades sem ruas pavimentadas, tomadas por prédios de apartamentos em ruínas.

O que a Rússia faz bem é a manipulação de informações. Pessoas inocentes e bem intencionadas no Ocidente aceitaram a narrativa construída pelo Estado de que o mundo russo reteve a perfeição mítica perdida no Ocidente, que a Rússia é um reservatório de bondade e moralidade cristã – tudo uma mentira cuidadosamente construída. Em praticamente todas as métricas, desde a prostituição, passando pelo abuso de drogas e aborto, até a violência familiar e o divórcio, os russos lideram as estatísticas. Trata-se, na verdade, de um mundo profundamente falho, opressivo e violento, totalmente carente de liberdades, no qual o estupro de mulheres e homens desempenhou e continua desempenhando um papel central na política de longa data do Estado de degradar tanto seu próprio povo quanto aqueles que conquistou, a fim de forçá-los a um servilismo abjeto.

**O imperialismo russo ameaça o mundo**: Em uma situação normal, os assuntos internos da Rússia não interessariam ao Ocidente senão para evocar os comuns sentimentos de compaixão humana por povos oprimidos; no entanto, os russos não estão contentes em viver dentro de suas próprias fronteiras. Ao contrário de seu aliado na Segunda Guerra Mundial, a Alemanha nazista, a Rússia nunca foi forçada a expiar seus inúmeros crimes nem abandonou suas ambições imperiais de dominar toda a Europa. Como quis evidenciar nas suas declarações conjuntas com a China, a Rússia pretende competir com os Estados Unidos pela dominância global, utilizando a força que for necessária para alcançar esse objetivo.

**A Rússia como ameaça à paz global**: Dessa forma, a Rússia é uma ameaça à paz, à prosperidade e à segurança global. A Rússia é a última grande potência imperial do mundo. Ocupando inúmeras nações asiáticas ao modo de colônias desde os tempos czaristas, agora rebatizadas como “repúblicas” da *Federação* Russa, o último império em atividade abrange 11 fusos horários e contém inúmeras culturas das quais o mundo quase não ouve falar. Nos anos 1990, quando as nações ocidentais que os soviéticos-russos haviam conquistado na Segunda Guerra Mundial finalmente se libertaram, as nações orientais também tentaram alcançar a independência da Rússia, mas não conseguiram. É dessas “repúblicas” que a Rússia extrai sua riqueza e um número desproporcional de seus soldados – etnias não russas – que hoje são enviados para matar ucranianos.

**Prevenindo a expansão da Terceira Guerra Mundial**: Se a Rússia for bem-sucedida em derrotar e ocupar a Ucrânia, de modo a absorver o povo ucraniano e sua enorme base industrial e de recursos no atual império, este sairá significativamente fortalecido e, então, encorajado a desafiar a própria OTAN – como já tem feito com a sua chamada “guerra híbrida” contra a infraestrutura europeia, incluindo [danos a cabos submarinos](https://www.euronews.com/my-europe/2024/11/28/russian-attacks-on-undersea-cables-most-serious-threat-to-our-infrastructure-nato) e [tentativas de plantar bombas incendiárias em aeronaves europeias](https://www.politico.eu/article/europe-russia-hybrid-war-vladimir-putin-germany-cyberattacks-election-interference/). Está claro que a Rússia não parará até ser detida.

**Construindo uma política para enfrentar a Rússia**: Precisamos construir uma política em relação à Rússia que lide com a realidade de que ela é uma ameaça à segurança global tanto quanto era em 1939, quando, junto com a Alemanha nazista, invadiu a Polônia e iniciou a Segunda Guerra Mundial. A solução não é difícil. A Ucrânia deve ser plenamente apoiada para derrotar o exército invasor russo e forçar a Rússia a recuar de volta às suas próprias fronteiras. A mensagem firme para a Rússia é simples: Vão para casa.

Se quisermos evitar a expansão da Terceira Guerra Mundial além da Ucrânia, já passou da hora de começarmos a olhar para o verdadeiro mundo russo por trás de sua máscara.

**O verdadeiro mundo russo**

Como tudo que é russo, o que a Rússia afirma como verdade é frequentemente o completo oposto. Por exemplo, enquanto a Rússia se autopromove para um público internacional ingênuo como um Estado anticolonial e anti-imperialista, ela é, na verdade, o último sistema colonial e imperial sobrevivente no mundo. Embora afirme “libertar” as nações que ocupa, seu governo supera em crueldade os excessos do Império Mongol, que a Rússia suplantou e expandiu por meio de uma política de genocídio cultural – e muitas vezes físico – para se tornar um dos maiores e mais opressivos (não “grandiosos”) impérios da história.

Que a Rússia seja amiúde levada a sério em suas palavras é surpreendente, mas não de todo inesperado. O Departamento de Estado dos EUA relata que o público-alvo da Rússia no Ocidente e no Sul Global não está preparado para o [nível sofisticado de propaganda](https://www.state.gov/wp-content/uploads/2020/08/Pillars-of-Russia%C3%A2%E2%80%A2%C5%BDs-Disinformation-and-Propaganda-Ecosystem_08-04-20.pdf) que o país emprega. Revelações recentes sobre os gastos históricos do KGB/FSB mostram que uma parte significativa do [orçamento de segurança da Rússia](https://www.yahoo.com/news/russia-increase-propaganda-spending-historic-113459044.html?_guc_consent_skip=1743533084) – agora estimada em US$ 1,9 bilhão para 2025 – tem sido direcionada a grandes ações de propaganda no exterior que pouco ou nada têm a ver com a realidade por trás das imagens reluzentes de suas elites bem-vestidas em iates multimilionários.

O projeto recente do KGB/FSB de forjar uma imagem de cultura tradicional, cristã e baseada em valores é uma aula magistral de como esconder a verdade sórdida e infame da violência e da opressão típicas da “cultura” imperial russa. Já em 1987, durante o auge da epidemia de AIDS, o jornal *Izvestia* – e as emissoras estatais russas – informaram ao mundo que o país não tinha problemas com HIV/AIDS porque, ao contrário do “Ocidente capitalista degenerado”, [não havia homossexuais, viciados em drogas, prostitutas ou alcoólatras na Rússia](https://en.wikipedia.org/wiki/HIV/AIDS_in_Russia#:~:text=At%20the%20end%20of%202021,entire%20history%20of%20the%20epidemic.) – uma lenda que os propagandistas russos continuam a promover vigorosamente no Ocidente até hoje.

**Qual é a realidade?**

**Prostituição?** Bem, a Rússia pode ter [mais prostitutas do que médicos, agricultores e bombeiros juntos](https://euromaidanpress.com/2017/08/20/russia-now-has-more-prostitutes-than-doctors-farmers-and-firemen-combined-and-other-neglected-russian-stories-euromaidan-press/). Embora não existam números oficiais, organizações de direitos humanos estimam que há entre [um e três milhões de trabalhadoras sexuais](https://www.themoscowtimes.com/2015/08/26/amnesty-international-highlights-russias-prostitution-problem-a49128) (prostitutas) atuando [na Rússia](https://meduza.io/en/feature/2019/02/09/the-life-of-russia-s-modern-day-sex-workers). Até mulheres no exército russo são [rotineiramente forçadas por oficiais superiores à prostituição](https://www.rferl.org/a/women-russian-military-field-wife/32342221.html) para satisfazer seus interesses sexuais. Elas aceitam pela “proteção” oferecida por esses oficiais, já que a alternativa é sofrer estupros mais frequentes e aleatórios por parte de seus colegas homens.

**HIV/AIDS?** Epidêmico. Em 2017, a Federação Russa tinha [o maior número de pessoas HIV positivas da Europa](https://en.wikipedia.org/wiki/HIV/AIDS_in_Russia#:~:text=At%20the%20end%20of%202021,entire%20history%20of%20the%20epidemic.), com 70.000 a 100.000 novas infecções anuais. Estima-se que 1,137 milhão de pessoas (1,5% da população adulta) estejam infectadas. Esses números, já altos, são considerados subestimados, pois as infecções por HIV são amplamente não notificadas.

**Alcoolismo e abuso de drogas?** Epidêmicos. [Entre os piores do mundo](https://en.wikipedia.org/wiki/Alcohol_in_Russia#:~:text=Alcoholism%20has%20been%20a%20problem,national%20problem%2C%20with%20mixed%20results.). Depois de Bielorrússia e Mongólia, [a Rússia tem a maior taxa de mortalidade por alcoolismo no mundo](https://www.worldlifeexpectancy.com/cause-of-death/alcohol/by-country/). Citando revistas russas, a Wikipédia afirma: “O alcoolismo na Rússia adquiriu, segundo alguns autores, caráter de desastre nacional e proporções de [catástrofe humanitária](https://en.wikipedia.org/wiki/Alcohol_in_Russia#:~:text=Alcoholism%20has%20been%20a%20problem,national%20problem%2C%20with%20mixed%20results.)”. É trivial mencionar que entre os problemas sociais decorrentes estão as crianças com Síndrome Alcoólica Fetal (SAF), muitas das quais, como adultos com baixa funcionalidade, acabam envolvidas em crimes violentos e ingressando nas [gangues de *gopniks*](https://www.rbth.com/society/2016/03/30/who-are-russias-gopniks_580301). O [*National Institute of Health* registra](https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7913360/#:~:text=According%20to%20published%20data%2C%20the,to%20consume%20it%20during%20pregnancy.) que, em orfanatos russos, 30% a 66% das crianças têm SAF, e que 90% das mulheres russas em idade fértil consomem álcool, com 20% continuando a beber durante a gravidez. As [características faciais típicas](https://www.mayoclinic.org/diseases-conditions/fetal-alcohol-syndrome/symptoms-causes/syc-20352901#:~:text=How%20the%20body%20develops%20may,growth%20before%20and%20after%20birth.) da SAF são visíveis em muitos prisioneiros russos “perdoados” em troca de servirem como soldados, frequentemente exibidos nas redes sociais russas.

**Divórcio?** A despeito da propaganda estatal sobre “valores familiares”, [60% dos casamentos russos terminam em divórcio](https://takiedela.ru/news/2017/08/13/braki-i-razvody/). A taxa de [divórcio na Rússia](https://divorceinrussia.com/russian-divorce-statistics/) é a mais alta do mundo, com infidelidade, pobreza, incompatibilidade e abuso de álcool/drogas sendo registrados como as principais causas para o fim dos relacionamentos.

**Aborto?** Mais preocupante para o Estado russo do que a taxa de divórcio é o fato de que cada vez menos mulheres estão dispostas a ter filhos. O *think tank* americano *Rand* registra que as [taxas de aborto da Rússia são as mais altas no mundo](https://www.aljazeera.com/features/2023/11/28/russia-limits-womens-access-to-abortion-citing-demographic-changes). O combate ao aborto pode ser a posição professada pelo Estado para alimentar a imprensa internacional, mas não é a realidade. Os números oficiais provavelmente subestimam muito a verdadeira taxa de aborto, mas até eles revelam que muitas mulheres russas fazem, em média, vários abortos ao longo da vida. Durante a década de 60, a taxa de abortos era de um em cada seis por ano, depois diminuindo para um em cada dez por ano. [As cifras nacionais do aborto](https://en.wikipedia.org/wiki/Abortion_in_Russia), da década de 1950 até a dissolução do Estado soviético em 1991, foram de seis a sete milhões de abortos por ano – um número que excede em muito as taxas de aborto mais altas registradas nos Estados Unidos por um fator de 500%. Não há motivo para acreditar que as taxas de aborto após o colapso do sistema soviético sejam diferentes. De fato, dado o sério estado de empobrecimento das massas russas, é provável que as taxas de aborto tenham voltado aos níveis mais altos de todos os tempos.

**Vida familiar?** Apesar da propaganda oficial, conforme evidenciado pelas taxas de divórcio e aborto e pelos extensos estudos demográficos, a maioria dos russos não está comprometida com uma vida familiar. O resultado é que a taxa de natalidade da Rússia está bem abaixo da reposição e a [população russa está em sério declínio há muitos anos](https://www.businessinsider.com/russia-economy-population-decline-worker-shortage-growth-outlook-ukraine-war-2024-8?international=true&r=US&IR=T#:~:text=Russia's%20population%20could%20shrink%20by,worker%20shortages%20and%20low%20growth.). Em seu ensaio [*A Russia without Russians?*](https://www.atlanticcouncil.org/content-series/russia-tomorrow/a-russia-without-russians-putins-disastrous-demographics/) (Uma Rússia sem russos?), o *Atlantic Council* relata que os problemas demográficos da Rússia são tão graves que ela pode não ter futuro.

**Religião?** Longe de ser livre. As Testemunhas de Jeová da Rússia, por exemplo, enfrentam sentenças de anos de prisão por [praticarem sua fé](https://abcnews.go.com/International/russias-mysterious-campaign-jehovahs-witnesses/story?id=78629389), e os cristãos evangélicos são alvo de extrema repressão tanto na Rússia quanto nos territórios ocupados pela Rússia na Ucrânia. Em que pese a propaganda russa alardear que a Ucrânia está restringindo e até proibindo a fé cristã, a verdade é o oposto. A Rússia bombardeou deliberadamente as igrejas ucranianas e, sob a ocupação russa, os padres ortodoxos ucranianos foram presos, espancados e sistematicamente assassinados na Crimeia e no leste da Ucrânia. E não foram apenas as religiões protestantes que foram alvo dos russos. O arcebispo-mor Sviatoslav Shevchuk, chefe da Igreja Greco-Católica Ucraniana, relatou que a “[Igreja Greco-Católica foi liquidada nos territórios ocupados](https://www.ncronline.org/news/not-single-catholic-priest-left-russian-occupied-ukraine-reveals-major-archbishop). De fato, não há um único padre católico nos territórios ocupados hoje – nem greco-católico nem católico romano”. O assassinato do clero cristão pelos russos passa quase despercebido e não é relatado no Ocidente. Por exemplo, em 18 de fevereiro de 2024, as autoridades russas no distrito ucraniano de Kherson, ocupado pela Rússia, [prenderam o padre Stepan Podolchak, de 59 anos](https://www.forum18.org/archive.php?article_id=2893), da Igreja Ortodoxa da Ucrânia, em sua casa na aldeia ucraniana de Kalanchak (sob ocupação russa). Com sua esposa testemunhando o sequestro, eles puseram um saco em sua cabeça e o levaram de sua casa, descalço, dizendo que ele era necessário para um interrogatório. Dois dias depois, seu corpo sem vida foi encontrado na rua. O bispo Nikodim, de Kherson, que ajudou a identificar o corpo com a esposa de Podolchak, declarou que ele havia sido espancado até a morte e tinha um buraco na cabeça, provavelmente causado por um tiro. Quando o bispo Nikodim perguntou à polícia russa que medidas tomariam com relação ao assassinato, disseram-lhe: “Esqueça isso!”

**Judeus na Rússia ameaçados:** Para os judeus da Rússia, a situação é igualmente séria. Sinalizando um potencial novo *pogrom*, o Ministério da Justiça russo, em julho de 2023, [classificou o rabino-chefe da Rússia, Pinchas Goldschmidt, como “agente estrangeiro”](https://www.timesofisrael.com/russia-brands-exiled-former-moscow-chief-rabbi-a-foreign-agent/), uma designação que visa rotular Goldschmidt pessoalmente e os judeus russos em geral como inimigos da Rússia. Com uma atitude que agora parece premonitória, Goldschmidt havia fugido da Rússia mais de um ano antes, alertando os judeus que ainda permaneciam no país que sua segurança não poderia ser garantida. Ele instou todos os judeus na Rússia a saírem “[antes que fosse tarde demais](https://www.businessinsider.com/jews-should-leave-russia-before-too-late-former-moscow-rabbi-2023-7)”.

**Judeus na Ucrânia protegidos:** Em contraste, o [rabino Avraham Wolf](https://www.jpost.com/diaspora/article-788014), rabino-chefe de Odessa e do sul da Ucrânia, afirma que, a não ser pela guerra, “[a Ucrânia é o país mais seguro](https://khpg.org/en/1608810361) do mundo para os judeus”. Quanto ao povo ucraniano, o rabino [declarou](https://khpg.org/en/1608810361): “Antes eu amava e respeitava o povo ucraniano. Mas agora, depois do início da guerra, estou simplesmente encantado com eles.” Suas opiniões são ecoadas pelo rabino-chefe da Ucrânia, [Moshe Reuven Azman](https://en.wikipedia.org/wiki/Moshe_Reuven_Azman), ambos trabalhando incansavelmente para desmascarar a propaganda russa que afirma que os ucranianos são nazistas e que a Rússia está a “desnazificar” a Ucrânia. Não há qualquer fundamento na acusação russa. A [grande maioria dos ucranianos se declara cristã](https://en.wikipedia.org/wiki/Religion_in_Ukraine#:~:text=As%20of%202022%2C%20according%20to,Church%20or%20other%20Christian%20movement.), cerca de 85% da população. Para seu público judeu, Azman aponta que 7 milhões de ucranianos lutaram nos exércitos soviéticos ucranianos contra a Alemanha nazista. Milhões morreram na guerra. Não é a Ucrânia, a qual aliás tem um presidente judeu (Volodymyr Zelenskyy), mas sim a Rússia moderna que se comporta como “herdeira dos fascistas”, diz o rabino Azman, que observa também que mais de 2.500 ucranianos foram homenageados pelo Estado de Israel como “justos entre as nações” por arriscarem suas vidas para salvar judeus do Holocausto.

**Liberdade religiosa na Ucrânia; desmascarando a propaganda russa**: Viajando frequentemente para Israel, o rabino Azman expressa indignação com o regime de Putin, bem como com o chefe da Igreja Ortodoxa Russa, o Patriarca Kirill, e a mídia estatal russa, por continuarem a espalhar a mentira propagandística entre o público americano e ocidental de que a Ucrânia é um estado fascista ou neofascista. Azman fez de sua missão de vida [desmascarar essa propaganda russa](https://www.rferl.org/a/russia-ukraine-de-nazification-narratives-jewish-rabbi-azman/32622983.html) bem como as falsas narrativas sobre a Ucrânia e a invasão russa.

Alguns comentários breves sobre a liderança ortodoxa russa também são necessários. Ao contrário das igrejas na Ucrânia, em toda a Europa e nos Estados Unidos, a Igreja Ortodoxa Russa não está livre do controle estatal. Em seu relatório de 27 de novembro de 2024, [a *International Christian Concern*](https://www.persecution.org/2024/11/27/russia-where-the-government-controls-represses-the-church/) (ICC), uma organização sem fins lucrativos sediada em Washington DC, deixou claro que a realidade da liberdade religiosa na Rússia não tem nenhuma relação com a “liberdade” que ela alardeia ao público. A ICC, que monitora a perseguição religiosa em todo o mundo, fez o seguinte comentário sobre as práticas de repressão religiosa da Rússia: “No papel, a lei russa permite que o governo restrinja a religião apenas na medida necessária para proteger a estrutura e a segurança do país. Na realidade, o governo russo permite a prática religiosa apenas na medida em que ela promove os interesses políticos daqueles que estão no poder. Todas as outras expressões religiosas, [cristãs ou não, são recebidas com punições severas e, tão logo possível, rapidamente extintas.](https://www.persecution.org/2024/11/27/russia-where-the-government-controls-represses-the-church/)”

**A Igreja Ortodoxa Russa e o KGB/FSB:** Em resumo, a vangloriosa imagem da Rússia ao modo de um refúgio cristão que se apresenta como sucessor do Sacro Império Romano, agora sediado em [Moscou como Terceira Roma](https://en.wikipedia.org/wiki/Moscow,_third_Rome), é pura propaganda. Nada na Rússia é livre. Pelo contrário, a Igreja Ortodoxa Russa é operada pelo próprio Estado, ou, mais especificamente, pelo FSB. A Igreja Ortodoxa Russa é liderada por um homem chamado [Vladimir Mikhailovich Gundyaev](https://mospat.ru/en/patriarch/). Sua história oficial na igreja omite fatos biográficos importantes, principalmente o fato de que Gundyaev era/é membro da polícia estatal russa, o FSB. Sucessor do KGB, o Serviço Federal de Segurança (FSB) sob a liderança de Vladimir Putin, efetivamente detém poder sobre todas as outras funções e departamentos estatais. Nascido em 1946 em Leningrado (hoje novamente São Petersburgo), Gundyaev foi ordenado (tonsurado) em 1969, recebeu o nome de Kirill e rapidamente subiu na hierarquia da Igreja, sem dúvida sob a direção do KGB. Logo depois, em 1971, ele foi designado para representar a Igreja Ortodoxa Russa no Conselho Mundial de Igrejas, sediado na Suíça.

Em fevereiro de 2023, a imprensa suíça [publicou o material de arquivo recentemente desconfidencializado](https://www.themoscowtimes.com/2023/02/06/russian-patriarch-kirill-spied-in-switzerland-for-kgb-in-70s-media-a80151) a que as autoridades suíças tiveram acesso nos arquivos soviéticos. O que foi revelado foi que Gundyaev, enquanto aparentemente servia como Kirill, um padre ortodoxo na Suíça, era um oficial ativo do KGB trabalhando secretamente sob o codinome “Mikhailov”.

Seu propósito? Como oficial do KGB, Mikhailov/Gundyaev/Kirill foi [designado para trabalhar com outros membros do KGB](https://www.euronews.com/2023/02/06/patriarch-kirill-worked-for-the-kgb-in-the-1970s-swiss-media-reports) que já haviam infiltrado o Conselho Mundial das Igrejas, para pressionar o Conselho a denunciar os Estados Unidos e seus aliados e a limitar as críticas à repressão religiosa na União Soviética. A tática era, e continua sendo, a clássica projeção russa; ou seja, desviar as críticas à repressão religiosa da Rússia acusando seu inimigo, os Estados Unidos, dos mesmos crimes dos quais ela própria é culpada. É importante notar que a atual defesa de Kirill da guerra da Rússia contra a Ucrânia e sua denúncia da expressão religiosa ucraniana e americana segue termos e táticas quase idênticos aos de seu trabalho anterior para o KGB na Suíça.

Em fevereiro de 2009, após a morte do Patriarca Alexy II, Kirill foi eleito pelo Conselho da Igreja como [Patriarca de Moscou e Toda a Rússia](https://en.wikipedia.org/wiki/Patriarch_Kirill_of_Moscow), posição equivalente à do Papa no catolicismo romano. Como líder da Igreja Ortodoxa Russa, Kirill exerce considerável autoridade sobre os fiéis russos. Em pleno apoio ao esforço de guerra de Putin, Kirill publicou um documento que [justifica a guerra em bases religiosas e morais](https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/russian-orthodox-church-declares-holy-war-against-ukraine-and-west/), incluindo o genocídio da Ucrânia e dos ucranianos. Declarando a invasão russa como uma “Guerra Santa” para exterminar a nação ucraniana e criar um “espaço espiritual único da Santa Rússia”, Kirill acusa o Ocidente e a Ucrânia de aderir ao “satanismo”. Não mais uma luta contra o “nazismo”, o novo grito de guerra é uma batalha religiosa contra o próprio Satã. Kirill prometeu aos fiéis russos que lutar na Ucrânia era seu dever sagrado e que morrer lá seria recompensado com a purificação de todos os seus pecados, entre outras recompensas celestiais. Tudo o que faltava do manual islamista era a garantia de que os mortos seriam recebidos por 72 virgens. Kirill e suas visões têm amplo apoio dentro da Igreja Ortodoxa Russa, que foi recentemente banida na Ucrânia por seu apoio explícito à agressão russa contra o país. Dos aproximadamente 400 bispos da Igreja Ortodoxa Russa, nenhum sequer criticou a guerra ou seus numerosos (e bem documentados) crimes e atrocidades. [\*\*]

**Nada de cristão na Igreja da Rússia**: Longe de atender às necessidades espirituais do povo russo, o papel de Kirill se assemelha mais ao do ministro da propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels. E, assim como Goebbels era para Hitler, Kirill é um confidente próximo de Putin, cujo governo sobre a Rússia ele declarou ser [“um milagre de Deus”](https://www.reddit.com/r/OrthodoxChristianity/comments/bravub/russia_is_building_43m_mansion_for_orthodox/?rdt=46491). Membro da classe dominante dos oligarcas, Kirill foi ricamente recompensado por Putin pelos seus serviços. [O patrimônio líquido de Kirill](https://en.wikipedia.org/wiki/Patriarch_Kirill_of_Moscow#:~:text=According%20to%20a%20Forbes%20article,figures%20have%20not%20been%20verified.) foi estimado pela Forbes, em 2006, em 4 bilhões de dólares e, treze anos depois, em 2019, pela *Novaya Gazeta*, em 8 bilhões de dólares. Assim como Putin, que exibe aquisições europeias caras, Kirill foi fotografado usando um relógio Breguet de ouro de 30 mil dólares, que as emissoras estatais retocaram digitalmente para remover, embora descuidando por acidente do reflexo do relógio na fotografia. Kirill vive em uma mansão privada de [43 milhões de dólares](https://www.reddit.com/r/OrthodoxChristianity/comments/bravub/russia_is_building_43m_mansion_for_orthodox/?rdt=46491).

Toda essa quantia para os **“valores cristãos tradicionais”** da Rússia.

Após essa breve olhada na verdadeira Rússia que se esconde por trás de sua cortina de propaganda, um exame mais detalhado de outra característica central da prática de controle social da Rússia também se faz necessário; a saber, o uso russo do estupro homo e heterossexual para quebrar a vontade de resistência.

**A Rússia não é uma “grande potência”**: A imagem autoconstruída da Rússia moderna como uma “grande potência” baseia-se tanto em suas conquistas históricas quanto, mais recentemente, em sua vitória na guerra contra o Estado à época mais militarizado e poderoso do mundo, a Alemanha nazista. No primeiro caso, os abusos e atrocidades cometidos pelos russos em sua expansão a partir de sua terra natal, outrora conhecida como Moscóvia, passaram em grande parte despercebidos e sem documentação. No entanto, o que a maior parte do mundo acredita ser a “Rússia” é, na verdade, uma grande coleção de estados e povos conquistados, integrados mediante uso da força à “Federação Russa” – outra ficção, como a União Soviética, de nações supostamente fraternas reunidas sob o guarda-chuva protetor de Moscou. Na realidade, um Império que abrange inúmeros povos colonizados. A descolonização do Império Russo jamais aconteceu.

Nesse caso, também, a Rússia reescreveu em grande parte sua história recente e conseguiu convencer boa parte do mundo de que sua versão dos eventos é verdadeira. O que os russos chamam de “Vitória”, a rendição da Alemanha nazista em Berlim a 8 de maio de 1945, é celebrado em toda a Federação Russa, em cada vila e cidade, como o mais importante de todos os feriados nacionais. É a derrota da Alemanha que dá à Rússia e aos russos seu maior senso de realização e identidade. Enquanto o Ocidente celebra o Dia do Armistício, agora Dia da Lembrança, ou Dia dos Veteranos, e recorda com orações o sacrifício de seus mortos, Moscou exibe seu poder em colunas de soldados marchando, tanques e mísseis, incluindo modelos reais ou réplicas de seus foguetes balísticos intercontinentais. É o poder – a capacidade de matar – que eles celebram. O motivo, como [escreve Katie Davies no *Kyiv Independent*](https://kyivindependent.com/russias-highly-militarized-victory-day-celebration-has-nothing-to-do-with-wwii/), é importante. *O controle sobre a narrativa deu ao regime de Putin uma fonte inesgotável de material de propaganda com o qual fomentar o nacionalismo imperial russo e justificar suas guerras de agressão, incluindo, é claro, sua invasão da Ucrânia*.

Davies escreve: “O legado da vitória soviética sobre a Alemanha nazista alimenta a agressão pró-guerra na Rússia de Putin – e é [celebrado com um fervor religioso](https://kyivindependent.com/russias-highly-militarized-victory-day-celebration-has-nothing-to-do-with-wwii/).” A Grande Guerra Patriótica que viu a derrota da Alemanha nazista é agora a Grande Guerra Patriótica para derrotar um Estado nazista redivivo, a Ucrânia.

**As mentiras da Rússia sobre sua vitória na Segunda Guerra Mundial:** Nos dez anos desde a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2014, poucos comentaristas, se algum, desafiaram as afirmações frequentemente repetidas da Rússia de que ela sozinha – ou o sacrifício patriótico de seus combatentes russos – foi a principal responsável pela derrota da Alemanha nazista. É essa vitória mítica que está no cerne do fervor nacionalista da Rússia – uma identidade adotada pela grande maioria dos russos, que assumiu as características de uma fé religiosa, como explica Davies. Claro, isso também é uma mistura de meias-verdades e mentiras descaradas. Há cinquenta anos, os desfiles do Dia da Vitória em Moscou reconheciam que a derrota do regime nazista se devia não apenas ao esforço coletivo dos exércitos aliados e à enorme ajuda militar enviada à União Soviética pela América, mas também aos enormes sacrifícios dos ucranianos e bielorrussos. Hoje, e desde a ascensão de Putin ao poder, os desfiles do Dia da Vitória e as narrativas oficiais do estado russo descartaram o papel dominante desempenhado pela Grã-Bretanha e pela América e eliminaram completamente a contribuição dos exércitos ucraniano e bielorrusso para a vitória. A vitória precisa ser exclusivamente da Rússia.

**Exércitos ucraniano e bielorrusso foram os primeiros a entrar em Berlim**: Dificilmente ajudaria a narrativa de Moscou sobre nazistas ucranianos reconhecer que, na verdade, foram os exércitos ucraniano e bielorrusso os primeiros a entrar em Berlim e encerrar a guerra. Ou que foram os povos ucraniano e bielorrusso que sofreram as piores privações durante a guerra, uma vez que tanto seus soldados quanto seus civis lutaram sob a ocupação nazista alemã. Reconhecer os esforços de guerra da Ucrânia é reconhecer a Ucrânia como um Estado entre outros Estados europeus – uma realidade que a Rússia há muito luta para negar. No entanto, deixando de lado toda a propaganda anti-ucraniana, a verdade é que a reivindicação da Rússia pela vitória na Segunda Guerra Mundial é grosseiramente exagerada. Sem a ajuda americana e sem o envolvimento dos exércitos ucraniano e bielorrusso, a Rússia teria sido derrotada e deixado de existir.

Está muito além do escopo deste ensaio repetir o que os historiadores da guerra documentaram exaustivamente – essas fontes estão por toda parte e são volumosas – mas um breve esboço do envolvimento da Ucrânia na guerra é necessário para contrapor a propaganda da Rússia sobre essa questão crítica e ilustrar, na ocupação russa da Alemanha, o modelo colonial russo que permanece vigente até hoje.

Em 20 de abril de 1945, o [1º Exército Ucraniano (Frente) alcançou os arredores de Berlim](https://en.wikipedia.org/wiki/1st_Ukrainian_Front#:~:text=The%201st%20Ukrainian%20Front%20(Russian,the%20capital%20of%20Nazi%20Germany.) pelo sul e sudeste, enquanto os 1º e 2º Exércitos Bielorrussos (Frentes) cercavam Berlim pelo leste e nordeste. Mais ao sul e completando o cerco estava o 4º Exército Ucraniano. Enquanto [os exércitos ucraniano e bielorrusso avançavam em Berlim](https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Berlin#:~:text=When%20the%20Soviet%20offensive%20resumed,rather%20than%20to%20the%20Soviets.), a 30 de abril, Hitler cometeu suicídio, e oito dias depois Berlim se rendeu.

**Resistência ucraniana na Segunda Guerra Mundial:** É importante reconhecer que, embora os exércitos ucraniano e bielorrusso estivessem sob o comando final da liderança soviético-russa, eles não estavam lutando pela sobrevivência do sistema soviético, mas por sua própria sobrevivência nacional. Enquanto [7 milhões de soldados ucranianos combateram o regime nazista](https://egypt.mfa.gov.ua/en/news/65792-roly-ukrajinsykogo-narodu-u-peremozi-nad-nacizmom) dentro de unidades regulares do exército ucraniano, dezenas de milhares de ucranianos juntaram-se ao clandestino [movimento partidário de resistência (UPA)](https://en.wikipedia.org/wiki/Ukrainian_Insurgent_Army), organizado por nacionalistas ucranianos (OUN). Assim como a resistência francesa, os objetivos da resistência ucraniana eram a libertação da Ucrânia da ocupação estrangeira. Mas enquanto a resistência francesa tinha apenas os ocupantes alemães para combater, os ucranianos tinham os russos e os poloneses, além dos alemães. (*Note que, embora houvesse tensões pré-guerra e durante a guerra entre ucranianos e poloneses – que ocupavam partes do oeste da Ucrânia – sua relação hoje é de respeito e apoio mútuo. A Polônia tem sido um dos mais firmes aliados da Ucrânia. As duas nações, por si mesmas ou em aliança com os Estados bálticos e nórdicos, são capazes de apresentar uma frente formidável, tanto econômica quanto militarmente.*)

Os alemães de início se apresentaram aos ucranianos como libertadores, prometendo à Ucrânia independência dos russos, e obtiveram algum apoio limitado de unidades da UPA, mas logo ficou evidente que o plano nazista para a Ucrânia estava longe de ser uma libertação. Era, na verdade, outra campanha genocida semelhante ao Holodomor, um genocídio recente cometido contra os ucranianos pelos russos stalinistas. Não diferente dos objetivos da Rússia, a ocupação da Ucrânia era um dos principais objetivos de guerra da Alemanha nazista. Seus vastos recursos eram o prêmio pelo qual a Alemanha lutava. Não era a Rússia nem a Bielorrússia. E o custo para a Ucrânia foi enorme. Da população pré-guerra da Ucrânia de 41,7 milhões de pessoas, o censo de 1945 revelou que [apenas 27,4 milhões permaneceram vivos ao final da guerra](https://egypt.mfa.gov.ua/en/news/65792-roly-ukrajinsykogo-narodu-u-peremozi-nad-nacizmom). Milhões de ucranianos foram mortos nas linhas de frente, enquanto milhões mais foram assassinados em campos de concentração nazistas, como mão de obra escrava e na [política genocida alemã de *Lebensraum*](https://www.britannica.com/topic/Lebensraum). O plano nazista alemão era o extermínio de toda a população eslava e sua substituição por alemães. A escala do sofrimento humano é, para nós, impossível de expressar em palavras, mas os relatos, premiados com o Nobel, de Svetlana Alexievich sobre as crianças sobreviventes em *Last Witnesses* (Random House, 2019) oferecem vislumbres pungentes do horror das invasões e da ocupação alemã.

As autoridades russas em 1945 estavam bem cientes dos ataques da UPA às posições russas durante toda a guerra e das profundas aspirações dos ucranianos de se libertarem da ocupação russa, não menos do que de seu desejo de se livrarem da ocupação nazista alemã. Os russos, no entanto, estavam tão determinados quanto haviam estado durante os anos 1930 a esmagar todas as expressões de identidade, língua, história e cultura ucranianas. Após os exércitos ucraniano e bielorrusso entrarem em Berlim, os exércitos russos entraram pelo nordeste. Assim que Berlim se rendeu, o Alto Comando Soviético-Russo ordenou que os exércitos ucraniano e bielorrusso deixassem Berlim imediatamente, retornassem aos seus respectivos países e se desarmassem.

**Estupro em massa de mulheres alemãs pelos russos, diferente de qualquer coisa na história:** Deixados sozinhos com a nação alemã derrotada, agora firmemente sob ocupação russa, os russos iniciaram o estupro maciço e prolongado do povo alemão.

É importante reconhecer que esse estupro em massa não foi realizado por soldados “soviéticos”, mas por soldados “russos”. Não foi um crime “soviético” que envolvesse outras nacionalidades soviéticas ou que desaparecesse quando o adjetivo “soviético” foi abandonado em 1991, mas foi e permanece um crime russo. As estimativas são aproximadas – os russos não estavam fazendo contagens – mas cerca de [dois milhões de meninas e mulheres foram estupradas](https://en.wikipedia.org/wiki/Rape_during_the_occupation_of_Germany). Muitas foram estupradas tão brutalmente que morreram devido aos ferimentos. Sem escapatória e sem esperança de um futuro livre da ocupação e tortura russas, muitas outras cometeram suicídio. Como pretendido pelas autoridades russas, milhares ficaram grávidas e tiveram que dar à luz os filhos de seus estupradores. Como em outras partes do império russo, a ocupação russa tomou várias formas, sendo uma delas a substituição étnica.

**Diferente da Alemanha nazista, os crimes de guerra russos nunca foram processados:** Nos anos seguintes à derrota da Alemanha, os crimes russos não foram investigados, por várias razões. Primeiramente, a Rússia venceu a guerra, alcançando todos os seus objetivos pré-guerra, inclusive adicionando a eles a ocupação dos territórios alemães onde realizou sua campanha de estupro. Como uma nova potência mundial, não estava disposta a se autoincriminar, e nenhuma outra potência tinha autoridade sobre ela. Em segundo lugar, após o assassinato em massa de russos e outros eslavos étnicos pela Alemanha nazista – bem como de [suas próprias campanhas de estupro de mulheres eslavas](https://en.wikipedia.org/wiki/War_crimes_of_the_Wehrmacht) –, dificilmente caberia aos alemães objetar. Era uma punição justa, um *quid pro quo*. E, igualmente importante, as mulheres alemãs que foram estupradas, bem como suas famílias, humilhadas e degradadas, em sua maioria nada disseram. A quem elas iriam reclamar? Não apenas havia tabus culturais e religiosos de longa data em torno de tudo o que era sexual, mas até relativamente pouco tempo atrás prevalecia a crença de que expor e explorar a dor apenas servia para exacerbar o sofrimento. O silêncio era melhor. Esqueça e siga em frente.

Isso foi um erro. Seu silêncio permitiu que as narrativas russas dominassem o campo da informação. Assim como a propaganda russa preenchia cada vez mais a mídia ocidental e a percepção pública, auxiliada em grande medida por novos cursos de Estudos Russos estabelecidos com “apoio” russo em todas as principais universidades ocidentais, os quais equiparavam o nacionalismo ucraniano – o desejo expresso de se libertar da ocupação colonial russa – ao nazismo, também o medo das vítimas alemãs em falar e a falha dos pesquisadores ocidentais em documentar e expor os numerosos crimes de guerra e crimes contra a humanidade da Rússia permitiram que esta construísse muito da narrativa, apresentando-se como um Estado modelo.

No entanto, o estupro em massa de mulheres e meninas alemãs, muitas vezes crianças muito pequenas, não foi uma aberração da norma. Sim, homens armados que têm poder absoluto sobre outras pessoas, e cujas autoridades toleram o seu barbarismo, frequentemente estupram, mas a maioria das nações civilizadas tem leis que proíbem o estupro, sendo exigida a sua observância mesmo em condições de guerra. A Rússia faz o oposto. Sempre fez.

**Estupro em massa de mulheres circassianas pelos russos**: Na década de 1850, a Rússia expandiu seu império para o sul, rumo ao Cáucaso, região que abrange as nações da Armênia, Geórgia, Azerbaijão, Chechênia, os circassianos, juntamente com inúmeros povos autóctones. A conquista russa foi uma guerra ferozmente resistida de 47 anos que acabou sendo vencida pelas forças russas ao adotarem uma política de terra arrasada, de destruição total. A nação circassiana, por exemplo, [recusando-se a se submeter ao imperialismo russo, foi aniquilada](https://en.wikipedia.org/wiki/Circassian_genocide). Foi um genocídio deliberado. Os registros são incompletos, mas as estimativas põem o número de circassianos assassinados pelos russos entre 700.000 e 1,5 milhão, quase toda a população. Os métodos registrados de subjugação da população empregados pelos [russos incluíam empalamento, assassinatos em massa, fome, estupro e desmembramento de mulheres grávidas](https://en.wikipedia.org/wiki/Circassian_genocide).

Os poucos que sobreviveram, cerca de apenas 3% da população original, [suportaram tortura sistemática, estupro](https://en.wikipedia.org/wiki/Circassian_genocide) e, por fim, deportação para regiões distantes do império russo. O estupro, tanto à época quanto agora, juntamente com a tortura, era uma ferramenta russa para quebrar a vontade de um povo conquistado.

**Estupro russo de mulheres e homens chechenos:** Os chechenos por fim também foram conquistados, suas terras anexadas e [milhares deportados para regiões distantes](https://en.wikipedia.org/wiki/Chechen%E2%80%93Russian_conflict). No entanto, eles conseguiram sobreviver como povo. Após a revolução comunista e o colapso do domínio czarista em 1917, [os chechenos se revoltaram e tentaram uma luta de independência de curta duração](https://historydraft.com/story/first-chechen-war/timeline/370). Os russos sob Lenin não estavam mais dispostos do que os czares a devolver a Chechênia aos chechenos. A revolta foi esmagada. Em 1936, a nação chechena foi reconhecida no papel por Joseph Stalin, o líder soviético, como a República Autônoma Socialista Soviética da Checheno-Inguchétia. Autônoma apenas no papel, como todas as outras “repúblicas autônomas” do império russo, a Chechênia permaneceu firmemente sob o domínio de Moscou. Um povo muçulmano ferozmente independente, os chechenos, no entanto, continuaram a resistir. Após o colapso do Império Soviético em 1991, os chechenos, em seu estado agora renomeado como República Chechena de Ichkeria, buscaram sua autonomia junto com várias outras nações anteriormente colonizadas. Os russos, sob a nova liderança de Boris Yeltsin, responderam enviando o exército russo à Chechênia em 1994. [Por dois anos, a Chechênia lutou contra um exército russo desmotivado e desorganizado, e venceu](https://en.wikipedia.org/wiki/First_Chechen_War). O número de mortos chechenos ultrapassou 100.000 e a nação estava em ruínas, mas a independência – embora instável e corrompida por agentes russos – veio em seguida. Não, porém, por muito tempo. A Rússia se recuperou do colapso de seu império soviético, reconstruiu seu exército e, em 1999, sob a liderança de Vladimir Putin, retomou os combates. Justificando a nova invasão e reocupação da Chechênia/Ichkeria como “autodefesa” após a provocação (operação de bandeira falsa) fabricada pelo KGB/FSB com o bombardeio de prédios residenciais russos em Moscou, que Putin atribuiu aos chechenos, esta [Segunda Guerra da Chechênia durou dez anos](https://en.wikipedia.org/wiki/Second_Chechen_War), até 2009, quando as forças russas, com o apoio de chechenos pró-Rússia, finalmente prevaleceram. Mais uma vez, as táticas russas envolveram guerra total, arrasando cidades, destruindo infraestrutura e alvejando populações civis. Com as forças da Chechênia independente derrotadas, a Chechênia foi reincorporada à Federação Russa. As mortes nesta segunda guerra são estimadas em mais de 60.000.

**Crimes de guerra russos na Chechênia**: Relevante para esta discussão foi o uso, mais uma vez, do estupro pela Rússia na Segunda Guerra da Chechênia como uma ferramenta para punir e degradar o povo que conquistou. Em um [relatório publicado pela revista da Universidade Estadual da California *Culture, Society, and Praxis*](https://digitalcommons.csumb.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1038&context=csp), a pesquisadora Valentina Rousseva documentou os crimes de guerra da Rússia na Chechênia ocupada. Malgrado 15% a 20% da população chechena tenha sido exterminada nessa guerra prolongada e a maioria das mulheres chechenas tenha sofrido violência sexual além de testemunhar a morte de seus familiares, elas descreveram ser estupradas por soldados russos como “pior do que a morte”. O relatório de Rousseva documenta inúmeros relatos em primeira mão.

Um caso específico [documentado pela *Human Rights Watch*](https://www.hrw.org/news/2002/01/09/russian-federation-serious-violations-womens-human-rights-chechnya) ilustra a prática russa: Kheda Kungaeva tinha dezoito anos. Soldados russos a sequestraram de sua casa em Tangi-Chiby e a levaram para um acampamento militar russo, onde ela foi morta. Um examinador forense que realizou um exame *post mortem* de seu corpo após ele ser recuperado relatou que “Kungaeva foi espancada, penetrada anal e vaginalmente por um objeto duro e estrangulada … Ela foi violentamente estuprada antes de sua morte.”

**Política de estupro russa:** Espelhando a prática russa em Berlim após a queda, soldados russos estupraram em massa mulheres chechenas em uma campanha deliberada para desonrar e destroçar o espírito do povo checheno. O relatório da *Human Rights Watch* descreve que a Rússia, logo após sua vitória sobre a Chechênia, iniciou o massacre em massa de homens chechenos que haviam lutado contra os russos ou que haviam auxiliado a resistência chechena. Dos homens chechenos que não foram assassinados imediatamente, grande número foi removido da Chechênia e transportado para centros de detenção russos. Uma vez que os homens foram retirados, os russos então começaram o estupro sistemático de mulheres chechenas. Engravidar mulheres chechenas era visto como chave para a sua política de “limpeza étnica”.

Conforme relatado, os russos organizaram “operações de varredura” durante as quais invadiam casas para de lá arrancar mulheres que eram então espancadas, estupradas – frequentemente em grupo – e muitas vezes assassinadas. Uma vez arrancadas de suas casas, as mulheres eram estupradas em postos de controle, nas periferias das cidades e nos acampamentos russos. Ao mesmo tempo que o estupro e a degradação sexual das mulheres chechenas eram descritos como entretenimento para os russos, por exemplo, ao despi-las e forçá-las a dançar, tudo isso também servia aos propósitos do Estado russo. Em primeiro lugar, porque era/é utilizado pelos russos como uma arma de guerra. O estupro em massa, planejado com antecedência, é “[destinado a destruir a alma de uma nação](https://search.worldcat.org/pt/title/44972157)”.

**O mundo assistiu horrorizado:** Conforme registrado pela *Jamestown Foundation*, um grupo de trabalho conservador com sede em Washington D.C. focado em questões de segurança na Eurásia, houve o episódio em que [Lord Russell-Johnston, presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa](https://eurasianet.org/systematic-russian-atrocities-in-chechnya-threaten-regional-stability), emitiu um alerta à Rússia sobre o comportamento de suas tropas na Chechênia. “Nas últimas semanas,” ele começou, “tem havido evidências crescentes de uma situação de direitos humanos em rápido deterioramento na Chechênia. Espero que todas as violações de direitos humanos sejam condenadas no mais alto grau pelas autoridades russas. Os relatos de novos abusos de direitos humanos surgem contra o pano de fundo da deplorável falta de vontade das autoridades russas em investigar adequadamente as alegações de abusos passados. A falha em levar à justiça os responsáveis por crimes constitui uma violação flagrante das obrigações da Rússia como membro do Conselho da Europa.”

Escusado será dizer que as exigências para que a Rússia investigasse seus próprios abusos e mudasse seu comportamento eram, na melhor das hipóteses, ingênuas. Pior ainda, como se os crimes não fossem centrais para a política imperial russa, o fato de que os crimes do exército foram atribuídos à sua liderança local e não oficialmente reconhecidos como diretamente autorizados por Moscou, que exercia controle total sobre as táticas de campo de batalha, eximiu Putin e o livrou, junto à oligarquia governante russa, de qualquer responsabilização pessoal.

**Estupro público de homens chechenos pelos russos:** Os “abusos” relatados pelo Conselho foram descritos em outro comunicado do Conselho da Europa, publicado pela *Jamestown Foundation*, intitulado [*Estupro em massa de homens chechenos por forças federais*](https://jamestown.org/program/mass-rape-of-chechen-men-by-federal-forces-2/). “De acordo com [Andrei Mironov, da *Memorial*](https://en.wikipedia.org/wiki/Andrei_Mironov_(activist)) (organização russa de direitos humanos) … as forças russas posicionadas na Chechênia recentemente cometeram, de maneira premeditada, um estupro em massa de homens civis chechenos. Em uma viagem à Ciscaucásia para apurar os fatos, Mironov tomou conhecimento de um incidente que ocorreu no início deste mês: ‘Mais de 700 homens (recebi uma lista com 762 nomes) foram levados para um campo. Eles [os soldados russos] estupraram uma mulher na frente deles.’” As tropas russas, relatou Mironov, então provocaram os homens chechenos, desafiando-os a defender a honra da mulher. Aqueles que intervieram, sessenta e dois homens, foram então “algemados a um veículo blindado de transporte de pessoal e estuprados publicamente.”

“Nunca antes eu tinha ouvido falar de estupro público,” comentou Mironov. “Claro, as pessoas eram sistematicamente estupradas em prisões e centros de detenção, e [em] unidades militares. Isso era destinado a destroçar-lhes a personalidade. Mas agora está sendo feito em público.” Mironov acrescentou que muitos dos homens chechenos que foram estuprados publicamente juraram que depois disso se tornariam atacantes suicidas (Eurasianet, 19 de julho de 2000).

“Na edição nº 49 (16 de julho de 2000) da *Novaya Gazeta*, a premiada correspondente de guerra [Anna Politkovskaya](https://en.wikipedia.org/wiki/Anna_Politkovskaya)[[1]](#footnote-0) discutiu o mesmo incidente e acrescentou alguns detalhes. ‘Sessenta e oito homens,’ ela escreveu, ‘que vivem em Sernovodsk, anunciaram que foram estuprados por soldados [russos] conduzindo uma ação punitiva, mas não encontraram a compreensão necessária [por parte das autoridades chechenas pró-Moscou]. Quarenta e oito deles então apelaram ao [presidente separatista] Aslan Maskhadov com um pedido para que lhes fosse permitido tornarem-se camicases a fim de obterem reparação por essas humilhações cometendo atos terroristas. Maskhadov recusou categoricamente atender-lhes o pedido. Dois deles então tentaram cometer suicídio. Isso ocorreu em 12 de julho [2000] em Sernovodsk. Um conseguiu. O outro foi reanimado.’”

Várias organizações coletaram outros relatos em primeira mão de soldados russos detendo, torturando e estuprando em grupo homens chechenos. De destaque neste [relatório da Anistia Internacional](https://www.amnesty.org/en/wp-content/uploads/2021/06/eur460362000en.pdf) publicado em 2000, que descreve não só o estupro russo de cativos masculinos como também de crianças, é a referência ao uso russo de “campos de filtragem” – o mesmo sistema e prática de crimes de guerra que a Rússia está usando agora na Ucrânia ocupada. Os “centros de filtragem” russos são locais onde o Estado, exercendo controle total sobre os cativos, utiliza sistematicamente tortura e estupro anal de homens, conforme detalhado no relatório.

**Atrocidades russas na Ucrânia ocupada não diferem do ISIS:** Desmentindo o mito de que a Rússia é um estado moderno que segue valores ocidentais há uma série mais recente de crimes de guerra que Putin reconheceu e aprovou muito diretamente. Após a invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022, as forças militares russas tomaram e ocuparam várias comunidades ucranianas, incluindo Amdriivka, Zdvyzhivka, Vorzel, Bucha e outras. Não prevendo que as forças de defesa ucranianas retomariam com sucesso essas comunidades e exporiam [os crimes russos de sistemática tortura, estupro e assassinato de civis ucranianos, incluindo a morte de crianças por estupro violento e coletivo, e o assassinato indiscriminado de pedestres](https://en.wikipedia.org/wiki/Bucha_massacre), os russos fizeram pouco para esconder seus crimes. Após a liberação de Bucha, as autoridades ucranianas descobriram os [horrores da ocupação russa](https://www.hrw.org/news/2022/04/21/ukraine-russian-forces-trail-death-bucha) em câmaras de tortura, valas comuns e corpos mortos deixados nas ruas onde os russos os haviam matado sem distinção. As cenas eram quase idênticas às piores atrocidades cometidas pelos nazistas – outro Estado imperial terrorista, é preciso lembrar, com o qual a Rússia se aliou para conquistar a Europa.

Durante aqueles meses iniciais da guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia em 2022, a Rússia pareceu mostrar alguma preocupação com sua imagem e reputação internacional ao tentar gerenciar as notícias que emergiam do conflito. Após as revelações de Bucha e a condenação universal da [barbárie russa – descrita como pior que o ISIS](https://www.bbc.com/news/blogs-the-papers-60977312) – os propagandistas de Putin inicialmente negaram qualquer envolvimento russo e acusaram as autoridades ucranianas de encenar as mortes como uma “provocação” contra a Rússia. À medida que as evidências da brutalidade russa aumentavam, no entanto, e as contínuas negações da Rússia se tornavam impossíveis de sustentar, a Rússia então deixou cair sua máscara.

A nova realidade foi comunicada por propagandistas russos que agora apoiavam publicamente o assassinato indiscriminado de cidadãos ucranianos e as táticas terroristas de estupro com um [aviso aos ucranianos para que “tenham medo!”](https://cepa.org/article/be-afraid-russia-tells-occupied-ukraine/) O propósito das campanhas de terror russas, conduzidas seja por tropas imperiais russas no século XIX, seja por tropas russo-soviéticas ao longo do século XX, seja por tropas nacionais russas ao longo do século XXI, sempre foi o mesmo. Infligir tanta dor e medo que aqueles que poderiam resistir à dominação russa colapsem e se submetam a qualquer força que os russos desejem exercer sobre eles.

“TENHAM MEDO!”

**Estupradores e torturadores russos homenageados em Moscou:** A prova – se é que ainda era necessária – de que Bucha e as centenas de corpos e câmaras de tortura que foram descobertas após a liberação das áreas ocupadas pelo exército ucraniano são parte de uma política russa que atravessa os séculos e as várias iterações imperiais da Rússia, foi a recepção formal de Putin em Moscou para os açougueiros de Bucha. Longe de condená-los por suas atrocidades, [Putin recompensou os paraquedistas russos do 234º Regimento de Assalto Aéreo com honras estatais](https://www.washingtonpost.com/world/2022/04/19/ukraine-russia-war-bucha-brigade-award/). Sua brutalidade foi elogiada e os russos foram encorajados a imitar seus crimes. O propósito da guerra já não era proteger os interesses russos – essa máscara também caiu – era destruir o Estado ucraniano, aniquilar o povo ucraniano e “conquistar” o país, como Putin agora reconhecia publicamente.

**Mentiras russas sobre “valores familiares”**: Entretanto, nem todas as máscaras da Rússia foram abandonadas, apenas aquelas cuja existência é manifestamente falsa e cuja utilidade não serve mais aos seus interesses. As mentiras que ainda lhe servem continuarão a ser vigorosamente promovidas e seguirão sendo apresentadas como se fossem realidade até que também sejam desmoralizadas. Entre esses mitos remanescentes está a narrativa construída de que a Rússia é uma nação cristã que reflete os mesmos valores em que a direita cristã na América acredita, entre os quais a promoção de valores familiares, o antiabortismo, a oposição ao casamento gay e lésbico e a recusa em reconhecer quaisquer direitos LGBTQ.

Desmentindo a pose moralista da Rússia está a realidade de que ela é um Estado imperial que depende fortemente do estupro homossexual de homens colonizados, bem como do estupro de mulheres e crianças, para impor seu controle, como discutido acima.

Já mencionei os sermões aprovados da Igreja Ortodoxa Russa, de que o dever do cidadão russo é matar ucranianos e que isso garante-lhe um lugar no céu. Embora em nenhuma parte o cristianismo encoraje o assassinato de inocentes, a Rússia vai além e prende qualquer um, [mesmo uma rara médica, que faça a mais mínima menção de protestar contra a guerra](https://www.rferl.org/a/russian-pediatrician-prison-anti-war/33199319.html). Na Rússia, ao contrário da América ou de qualquer nação ocidental, não se pode tomar posição contra o Estado, por mais imorais e criminosas que sejam suas ações. Até mesmo [crianças que expressam sentimentos pró-ucranianos ou contra a guerra são enviadas para a prisão](https://www.bbc.com/news/world-europe-68526111). Como [escreve Oleg Kozlovsky para a Anistia Internacional](https://www.amnesty.org/en/latest/news/2024/05/russia-authorities-targeting-children-in-their-crusade-against-anti-war-dissent/), “Apesar de todo o discurso do Kremlin sobre o valor da família, é exatamente o vínculo entre os filhos e seus pais que está sendo explorado de maneira sórdida para esmagar a dissidência.”

Quanto aos valores familiares, primeiro devemos reconhecer que a Rússia, de forma isolada no mundo “moderno”, revogou as sanções criminais que todos os Estados ocidentais impõem à violência doméstica. Enquanto no Ocidente, nos últimos 50 anos, fizemos grandes progressos em reconhecer que a violência familiar é um crime que justifica o interesse público em estender a proteção da lei a mulheres e crianças vulneráveis, a Rússia seguiu o caminho oposto. Sob o regime de Putin, com o apoio da Igreja Ortodoxa Russa do Patriarca Kirill, a Rússia *legalizou* a agressão conjugal como uma prerrogativa *tradicional* masculina. A violência familiar na Rússia é endêmica.

Para sermos claros, devemos compreender o que significavam os valores familiares *tradicionais* no Ocidente. Até 4 de janeiro de 1983, o estatuto de uma “mulher casada” (no Canadá) era, em certos aspectos, semelhante ao de uma propriedade. Legalmente casada, um dos direitos reconhecidos ao “marido” era o [seu direito absoluto de acesso sexual](https://oncanadaproject.ca/blog/marital-violence#:~:text=Until%201983%2C%20sexually%20assaulting%20your,was%20not%20illegal%20in%20Canada.). O dever correspondente da mulher era o de não obstruir o acesso do marido ao seu corpo. As relações sexuais *forçadas* só eram consideradas crime quando cometidas contra uma mulher que não fosse “sua esposa”. [De acordo com o direito penal, o casamento era um completo impedimento ao processo por estupro](https://theequalityeffect.org/pdfs/maritalrapecanadexperience.pdf). Embora qualquer agressão a outra pessoa, inclusive a esposa, fosse há muito reconhecida como um crime bem definido, a agressão conjugal *per se* (espancamentos, estrangulamentos e ataques físicos afins contra o cônjuge) raramente era investigada ou processada, de vez que era, racional e logicamente – bem como socialmente –, conflitante com a noção de que seria lícito para um homem estuprar a sua mulher, mas não agredi-la. Como é que, *de facto*, o estupro não seria uma “agressão”?

De qualquer forma, a visão sociocultural predominante – e há muito respeitada pela *common law* britânica – era a de que “a casa de um homem era seu castelo”. O Estado não podia entrar nesse domínio privado sem uma causa boa e legal. De fato, o que quer que acontecesse dentro da casa de um homem era “assunto particular dele”. (E, sim, era um sistema patriarcal.)

Um exame detalhado da evolução da lei e da prática nos sistemas jurídicos de matriz britânica com relação à proteção dos direitos das mulheres está além do escopo deste ensaio. Basta dizer que muitos membros de religiões cristãs tradicionais continuam a ver qualquer intromissão do Estado na dinâmica interna de uma família como injustificada e contrária aos direitos “divinos” de um homem e de um pai estabelecidos na Bíblia – o que é exatamente o tipo de insatisfação que os propagandistas russos exploram para dividir a América e atrair apoio para o “mundo russo”. Como o direito de um homem russo de agredir sua esposa está consagrado no código civil russo, pode-se presumir com alguma certeza que o estupro conjugal é uma característica muito comum da vida doméstica russa. De fato, no início da guerra, as mulheres russas com frequência publicavam nas mídias sociais seu alívio pelo fato de seus homens terem sido enviados para a frente de batalha e não poderem mais bater nelas. O fato de viverem ou morrerem parecia ser de pouca ou nenhuma importância para elas. Curiosamente, quando as mulheres russas procuram o divórcio nos tribunais e seus maridos se opõem, de praxe elas são instruídas a voltar para casa e obedecer-lhes.

**Estupro sistemático e tortura de ucranianos por russos:** Talvez o exemplo mais extremo de como o Estado russo não personifica os valores cristãos seja sua prática sistemática e de longa data de usar o estupro, inclusive o estupro homossexual, como instrumento de controle social.

Assim como os russos estupraram em massa a população circassiana (enquanto a dizimavam) e estupraram as mulheres alemãs que caíram sob seu controle, também estupraram os homens chechenos que perderam a batalha contra eles e, sem dúvida, milhões de outras pessoas cujas torturas nunca foram registradas a não ser pelo seu número, na casa das dezenas de milhões. Do mesmo modo, os russos estupram rotineiramente prisioneiros de guerra ucranianos, mesmo quando os torturam e assassinam. Em seu último relatório a 30 de outubro de 2024 para a Assembleia Geral da ONU, a Comissão de Inquérito concluiu que a Rússia estava cometendo vários crimes de guerra no tratamento dado aos civis ucranianos sob ocupação russa e aos soldados ucranianos capturados. O uso de tortura pela Rússia, incluindo tortura sexual, não foi fortuito, mas generalizado e sistemático. O presidente da Comissão, Erik Mose, disse: “Com base em nossas evidências, descobrimos que as autoridades russas agiram de acordo com uma [política estatal coordenada de tortura de civis e prisioneiros de guerra ucranianos](https://ukraine.un.org/en/282373-ukraine-torture-russian-authorities-amounts-crimes-against-humanity-says-un-commission) e, portanto, estão cometendo crimes contra a humanidade”.

O [*Ukrainska Pravda* acrescenta mais detalhes](https://www.pravda.com.ua/eng/news/2024/10/2/7477787/), quais sejam que os prisioneiros ucranianos sofrem tortura “em todos os estágios do cativeiro”. Praticamente todos os ucranianos em cativeiro russo são torturados em campos russos e em câmaras de tortura instaladas em todo o território ucraniano ocupado.

Outros relatórios registram [números “surpreendentes” de vítimas ucranianas de violência sexual russa](https://www.theguardian.com/world/2024/oct/29/carved-on-bodies-and-souls-russias-use-of-male-sexual-torture-in-ukraine) envolvendo homens e meninos. Não é de surpreender que pouquíssimos homens – devolvidos em trocas de prisioneiros – estejam dispostos a detalhar a tortura que sofreram nas mãos dos russos. Em uma reportagem da CNN, no entanto, Roman Shapovalenko teria dito que os russos parecem ter um fetiche por órgãos genitais masculinos. A reportagem da CNN acrescenta que há muito se sabe que o estupro masculino é generalizado na Rússia, praticado principalmente pela polícia e pelas forças de segurança contra os detentos russos, mas que agora a Rússia decidiu “[levar a sua prática para a Ucrânia ocupada](https://www.cnn.com/2024/05/30/europe/russia-sexual-violence-occupied-ukraine-intl-cmd/index.html)”.

**A política russa de estupro e terror atende a seus interesses imperiais:** O estupro serve ao propósito do Estado. No caso da Alemanha, o terror que os russos infligiram à população civil alemã durante sua campanha de estupro em massa facilitou transformá-la em uma população servil que obedeceu e trabalhou em estreita colaboração com as autoridades russas por duas gerações. A Stasi, a polícia secreta alemã, inspirada no KGB, operava o maior sistema de espionagem interna da União Soviética, no qual os cidadãos da Alemanha Oriental oprimiam uns aos outros em nome de seus suseranos russos. Da mesma forma, na Chechênia, diante da possibilidade de sofrer um genocídio como os circassianos, os chechenos, em vez disso, entregaram sua honra e seu país aos russos, e alguns mudaram de lado, como o líder checheno Ramzan Kadyrov, que passou de combatente pela independência a lealista pró-russo, sendo então recompensado pelos russos por sua traição ao povo checheno. Ramzan Kadyrov foi nomeado presidente da República Chechena em 2007 e cumulado de presentes bem como de poder absoluto pelo regime de Putin, benefícios que estendeu à sua família e aos seus apoiadores mais próximos no clássico estilo político colonial. Agraciado com a patente russa de coronel-general nas forças armadas russas, com seu exército particular de cerca de 12 mil homens, chamados de kadyrovitas em homenagem a seu líder, Kadyrov apoia a invasão russa da Ucrânia e participou de atrocidades cometidas contra as populações ocupadas e os prisioneiros, repetindo os mesmos crimes que os invasores russos perpetraram contra o seu povo, os chechenos, até menos de duas décadas antes.

As avaliações do futuro da Chechênia são uniformes na projeção de que, quando o controle de Moscou sobre a Chechênia/Ichkeria fracassar, o povo se levantará contra Kadyrov, sua família e seus apoiadores. Sabendo disso, Kadyrov governa a Chechênia com mão de ferro, de forma semelhante ao governo de Putin sobre o império russo, cometendo torturas e assassinatos generalizados entre o povo checheno em um [grau que equivale à definição de crimes contra a humanidade do Tribunal Penal Internacional](https://www.ecchr.eu/fileadmin/Hintergrundberichte/Background_paper__Criminal_complaint_against_Kadyrov__2010-11.pdf) (TPI).

Nem todos os chechenos se renderam a seus opressores coloniais ou a seus traidores. Alguns se juntaram à resistência ucraniana contra a invasão russa e lutam bravamente como voluntários. Eles sabem que, se o exército russo sofrer uma derrota na Ucrânia, o domínio russo sobre a Chechênia será quebrado. Em última análise, é pela liberdade da Chechênia que eles estão lutando.

**Efeitos do estupro e da tortura:** Semelhante ao impacto sofrido pelas mulheres alemãs e pelos homens chechenos que foram estuprados pelos russos, os efeitos psicológicos sobre homens e mulheres ucranianos são profundos. A tortura infligida é, muitas vezes, fisicamente irreparável. Homens cujos órgãos genitais foram cortados em câmaras de tortura, e ainda assim conseguiram sobreviver, bem como mulheres cujos estupros foram tão violentos que seus períneos foram destruídos, desfigurados ao ponto de não poderem mais ser reconstruídos, correm um risco extremamente alto de suicídio. Muitos cometem suicídio. A depressão grave ocorre naturalmente em todos os casos de estupro e tortura. Dadas as prioridades para sobreviver à guerra, é preciso que o foco esteja no campo de batalha, mas o impacto emocional e psicológico de longo prazo que a guerra está causando nas pessoas é muito sério. A tarefa de lidar com os efeitos do trauma deliberadamente infligido à nação pelos russos exigirá uma resposta coordenada igual em comprometimento e recursos à própria batalha militar. Primeiro sobreviver, depois se recuperar.

A experiência do sistema judiciário canadense tem sido a de que as vítimas de estupro muitas vezes internalizam o abuso, aceitando-o, consciente ou inconscientemente, como um julgamento sobre seu próprio valor e integridade como seres humanos. Nos casos de abuso sistemático dentro da Igreja, muitas vezes há suicídios entre os sobreviventes que são claramente atribuíveis à violência sexual cometida contra eles. A automutilação, o abuso de drogas e álcool, o isolamento social e os distúrbios emocionais são uma consequência natural da violação sexual. Assim como o estupro das mulheres muçulmanas chechenas teve efeitos mais profundos sobre elas do que o estupro de mulheres não muçulmanas, devido a seus valores culturais e religiosos profundamente arraigados, os homens, em geral, mais do que as mulheres, sofrem em níveis mais profundos a humilhação e a degradação de serem estuprados. Os homens, com maior frequência do que as mulheres, se automutilam de modo fatal. Os padrões sociais que definem a masculinidade – a própria essência da masculinidade – exigem que ela seja defendida. Seja por uma base fisiológica ou social ou por uma combinação de ambas, os homens que sofreram estupro sentem não apenas os efeitos da impotência para resistir à violência, a incapacidade de se proteger – o choque que acompanha o medo da morte, a total impotência e o desejo instintivo de sobreviver – mas também o trauma exclusivamente masculino de serem desmasculinizados. O estupro de homens ataca a essência de sua identidade sexual, universalmente entendida como o próprio alicerce de nosso senso de identidade. Uma vez destroçada, como ela pode ser reconstituída? A resposta curta é por meio de terapias intensivas de trauma.

O que os sistemas de justiça fazem é concentrar-se em um reexame objetivo dos detalhes dos crimes e das circunstâncias em que foram cometidos. Não obstante o autojulgamento negativo que as vítimas muitas vezes carregam, o fato essencial em todos os casos é que as vítimas eram literalmente impotentes para resistir, não tendo culpa ou responsabilidade por sua vitimização. É pegando esse autojulgamento negativo e redirecionando-o para sua fonte original, o agressor, que se inicia o processo de cura. Por meio da percepção e da consciência da dinâmica do poder e de nosso relacionamento com ele, a vítima pode separar seu ser essencial das experiências que sofreu. Nossas experiências nos educam e nos informam, mas não determinam quem somos. Ao internalizar as experiências como definidoras, nos tornamos nossos próprios inimigos e, de fato, revivemos *ad aeternum* os crimes de nossos agressores. Essa, pelo menos, é uma das mensagens que os promotores do ramo da justiça compartilham com aqueles que têm a coragem de se levantar, sempre que estiverem prontos, e condenar publicamente seus abusadores.

Em especial, ao ficar ao lado das vítimas, o sistema de justiça busca reencorajá-las. Ele muda a tônica do discurso: você *foi* vítima de abuso, mas *é* um sobrevivente. Você *está vivo*. Contar com a colaboração do poder do Estado para acusar os crimes do malfeitor é uma marca registrada do sistema de justiça. Embora os russos tenham cometido centenas de milhares de crimes de guerra – cada um deles tão grave quanto os piores crimes que nossos tribunais já viram – e sua acusação seja quase impossível devido ao grande número de envolvidos e à sua proteção pelo Estado russo, a justiça exige um comprometimento firme de caçar e responsabilizar totalmente cada criminoso, co-conspirador, cúmplice e partícipe russo por seus crimes. Esse é o trabalho de uma vida inteira e recursos dispendiosos devem ser postos a seu serviço, mas a justiça assim o exige. Assim como os traumas culturais e intergeracionais são transmitidos aos nossos filhos e netos, afetando-lhes a capacidade de se autorrealizar e atingir o seu pleno potencial, o cuidado das vítimas e a justiça também informam a realidade vivida pelas gerações futuras.

**A difundida cultura do estupro homossexual na Rússia:** Alguns comentários finais sobre a cultura russa do estupro são necessários. Embora os russos reconheçam publicamente a existência da cultura do estupro dentro de seus extensos sistemas prisionais, eles evitam mencionar a prevalência do estupro homossexual ocorrendo fora das prisões.

A verdade é que o estupro homossexual é uma parte fundamental da cultura masculina russa. Longe de ser a cultura homofóbica que eles promovem agressivamente na mídia ocidental como parte de seu pretenso caráter “cristão”, os russos praticam o estupro violento de homem contra homem como parte integrante de seus sistemas verticais de poder. O conceito de isonomia, que é o alicerce essencial da filosofia democrática e dos direitos humanos, é totalmente estranho ao sistema sociopolítico russo, que não tem experiência nem jamais adotou princípios democráticos ou direitos humanos. Em vez disso, com suas raízes profundamente enterradas em sistemas de poder hierárquico e autocrático que remontam ao mundo mongol dos séculos XV e XVI, o privilégio do poder sempre foi o direito de abusar daqueles com menos poder. A corrupção no mundo russo não tem equivalente à corrupção no Ocidente. O que vemos como “corrupção” na Rússia é, na verdade, o sistema russo de recompensas, privilégios e punições que permitiu que o sistema imperial e colonial russo sobrevivesse intacto ao longo dos últimos séculos de mudanças externas.

A ordem hierárquica de bicada significa que os homens que têm mais autoridade abusam daqueles que a têm menos. E o corolário é que aqueles com menor autoridade se curvam à autoridade maior, e esperam e toleram o abuso que recebem. Em nenhum outro lugar isso é mais evidente do que nas forças armadas russas, que, assim como o sistema prisional deles, é um sistema fechado de estruturas de poder em que os oficiais superiores espancam, roubam e até mesmo estupram regularmente os oficiais subalternos e os membros dos escalões inferiores. Centenas de vídeos de estupro coletivo capturados por drones aéreos ou filmados pelos próprios estupradores atestam o uso generalizado do estupro dentro das forças armadas russas como um método primitivo de afirmar o domínio e o controle.

A guerra de papel da Rússia contra a homossexualidade só é real na medida em que promulga leis que criminalizam os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, bem como qualquer expressão LGBTQ+. É provável que também seja verdade que as gangues russas, que têm como alvo preferencial de agressão os casais homossexuais, tenham se envolvido em crimes sexuais violentos, incluindo estupro de homens. A posição internacional cínica e hipócrita da Rússia, que se opõe ao que sua Igreja chama de comportamento antinatural e imoral em favor dos valores tradicionais da família – voltada principalmente para o público cristão americano e para os movimentos de extrema direita ocidentais – é desmentida pelo fato de que ela pratica o estupro homossexual em nível estatal. Curiosamente, os próprios russos que praticam o sexo anal orgástico e forçado – estupro – negam que suas ações sejam “homossexuais”. Em vez disso, eles afirmam que são motivados pelo poder e que estão aderindo às regras de dominação admitidas na Rússia. Presumem que a homossexualidade deveria envolver amor, respeito mútuo, ao passo que eles agem pelo puro prazer físico de dominar e degradar os outros, especialmente outros homens – em essência, uma expressão de desprezo e ódio.

Como o ativista russo de direitos humanos Mironov, supracitado em referência ao estupro em massa de homens chechenos, comentou: “É claro que as pessoas eram sistematicamente estupradas em prisões e centros de detenção, e [em] unidades militares. O objetivo era destroçar a personalidade delas”. O fato de Mironov afirmar isso quase como um comentário descartável é, por si só, revelador. Enquanto ativista de direitos humanos, ele não via nada de incomum no estupro sistemático de um povo conquistado, e parecia justificá-lo como uma medida disciplinar natural. Sua surpresa não foi a existência do estupro sistemático de homens pelos militares russos, mas o fato de o Estado russo fazer isso em plena luz do dia. Esse era apenas um novo passo da prática russa bem reconhecida de utilizar o estupro como uma ferramenta estatal de opressão.

Se os próprios russos identificam o estupro sistemático dentro de suas forças armadas como uma forma de impor o necessário “discipulado” e “ordem”, negando que haja nisso qualquer interesse homossexual, o fato é que, independentemente de qualquer rótulo que queiram atribuir a seu comportamento, seu envolvimento em relações sexuais anais forçadas e orgásticas é claramente mais perverso, imoral, anticristão e criminoso do que qualquer coisa que eles professam abominar.

A imagem que a Rússia está projetando por meio de sua propaganda estatal de uma cultura moralmente superior e, claro, digna de ser imitada por seus consumidores ocidentais, é, tal como sua autocaracterização ao modo de cruzada anti-imperial e anticolonial, apenas mais uma invenção. É uma fraude completa.

**O que resta é perguntar por que a Rússia adota o estupro**

Por que a Rússia teria uma prática político-cultural de estupro profundamente arraigada? A resposta curta é: porque funciona. Em seu livro *War before Civilization* (Oxford University Press, 1996), Lawrence Keeley, professor de antropologia da Universidade de Illinois, faz a importante observação de que as pessoas gravemente abusadas – essencialmente aquelas cujos espíritos foram destroçados da mesma forma que os animais podem ser destroçados – são ao mesmo tempo complacentes e perigosas. Perigosas quando colocadas em posições de poder e dóceis quando estão sob o comando de oficiais superiores. Nem todas as pessoas se submetem ao poder arbitrário. Muitas resistem. Aqueles que resistem em condições de ocupação inimiga geralmente são mortos. É banal dizer, mas vale repetir, que as pessoas que acham a submissão mais fácil são aquelas que já aceitaram um papel inferior para si mesmas. O abuso degrada as pessoas, e pessoas degradadas são, por sua vez, mais facilmente controladas.

O império russo, assim como o Império Mongol que ele herdou pela força, aprendeu cedo o valor de degradar as pessoas por meio do uso do terror em massa. Ao controlar suas numerosas nações colonizadas valendo-se de sistemática tortura, estupro e campanhas genocidas, ele buscou deliberadamente destroçar o povo, tornando absoluta a sua submissão ao controle russo, ou, como no caso de Ramzan Kadyrov, sua decorrente cumplicidade em forçar outros a uma submissão abjeta.

Em nenhum lugar essa submissão é mais evidente do que nos ataques intermináveis e aparentemente sem sentido contra as defesas ucranianas, que os próprios russos chamam de ataques de “carne”. “Carne” porque eles não têm nenhum valor além de concordar em morrer na esperança de esgotar a munição ucraniana ou por qualquer outro prospectado ganho militar que não reconhece nenhum valor na vida dos invasores russos. O fato de eles não resistirem – embora os que resistem sejam frequentemente estuprados para lembrá-los de seu *status* zero – tem sido um mistério para os observadores ocidentais. Descrevendo que os ataques mais parecem vindos de zumbis submetidos a ordens de continuar avançando até morrer, os observadores, incluindo os soldados ucranianos que matam esses desesperados, perguntam por que eles não se opõem para se salvar. Por que não estão matando seus próprios oficiais? Por que estão entregando suas próprias vidas em um país estrangeiro a uma campanha imperial que, no final das contas, não trará nenhum benefício para eles? Sua plácida submissão a uma ordem para morrer “como carne” é intrigante porque o comportamento dos russos é diferente de tudo o que vivenciamos no Ocidente. Não estamos destroçados e não podemos compreender a experiência e a realidade de ser russo.

O professor Keeley escreve: “Não é uma paciência mística que torna os homens civilizados mais fáceis de serem reduzidos à subordinação estrita e à disciplina militar, mas sim sua habituação à hierarquia e à obediência como resultado de terem sido criados em um Estado que, por definição, é uma política com estratificação de classes e poderes coercitivos monopolizados”.

**Escolhendo a morte em vez da submissão:** Ao enfrentar as forças invasoras russas, as opções disponíveis para os ucranianos são claras. Render-se e enfrentar a inevitável tortura e talvez a morte, ou lutar até o fim. Os africanos sequestrados e enviados para as Américas para serem vendidos como escravos enfrentaram um dilema semelhante, mas, sem a capacidade de resistir efetivamente, suas opções eram limitadas à morte ou à sobrevivência como escravos. Muitos escolheram a morte, atirando-se ao mar para se afogar na primeira oportunidade. A submissão, pelo menos em tese, maximiza a possibilidade de sobrevivência, e a sobrevivência traz a possibilidade de lutar novamente. Mas a questão da vida ou morte é pessoal e ninguém tem o direito de impô-la a outrem.

Será que responderíamos como [Oleksandr Matsievskiy](https://en.wikipedia.org/wiki/Execution_of_Oleksandr_Matsievskyi), o soldado ucraniano que, ao ser capturado pelos russos, ficou de pé orgulhosamente, acendeu um cigarro e proclamou “Slava Ukraini” – glória à Ucrânia – enquanto os russos o assassinavam em vídeo? Ou como [Stepan Chubenko](https://en.wikipedia.org/wiki/Stepan_Chubenko), o garoto ucraniano de 16 anos que, sendo apenas um estudante em 2014, no início da guerra russa contra a Ucrânia, foi arrastado para fora de um trem na cidade ocupada de Donetsk por usar uma fita em sua mochila com as cores azul e amarela da bandeira ucraniana? Por causa disso, ele foi torturado por dias até que todos os seus dentes fossem arrancados. Depois, com as mãos amarradas atrás das costas, levou 5 tiros na cabeça. Seu corpo mutilado foi encontrado em um lixão. De acordo com o relatório de um soldado presente durante a tortura, o menino “não chorou e não pediu misericórdia”.

Nunca saberemos como morreram os milhares de outros ucranianos que foram torturados e assassinados nas dezenas de câmaras de tortura e campos de “filtragem” montados pelas autoridades russas nos territórios ucranianos ocupados. Nunca saberemos, mas nunca devemos nos esquecer deles.

Os crimes russos e o intenso sofrimento que eles causam não são sem propósito. Com o apoio contínuo da grande maioria da população russa, conforme evidenciado não apenas pelas pesquisas e pela ausência de protestos em grande escala por parte dos milhões de russos livres da diáspora que vivem em todo o Ocidente, mas também pela participação entusiástica nas centenas de milhares de crimes de guerra cometidos por russos comuns diretamente envolvidos na guerra de conquista da Rússia, a liderança russa deseja esmagar a Ucrânia, apoderar-se dos imensos recursos do país – que já estavam planejados para serem distribuídos entre os oligarcas russos antes da invasão em grande escala – e, com esse primeiro passo, recuperar a condição de potência global. Como dizem os russos, eles estão lutando pelo triunfo do mundo russo.

O objetivo é o clássico imperialismo, imenso poder e riqueza para uma pequena elite às custas do imenso sofrimento e prejuízo da grande maioria, com a virtual escravidão de milhões.

**Uma palavra final sobre a propaganda russa**

Nem todos os Estados são criados iguais. Não há equivalência moral entre a Rússia e os Estados Unidos ou o Canadá. Ou entre a Coreia do Norte e a França; ou entre o Irã e a Grã-Bretanha. A diferença fundamental entre as democracias representativas e os Estados autocráticos está na distribuição do poder. Nas primeiras, criamos estruturas legais que regem nossas políticas e sociedades. O que uma sociedade baseada em direitos civis e humanos faz com o poder é distribuí-lo horizontalmente na medida em que isso seja socialmente desejável e prático, o que proporciona, até mesmo aos menos bem-sucedidos de nós, uma ampla gama de direitos – poderes – com os quais podemos contar para nossa proteção pessoal e liberdade. O direito, por exemplo, de estar livre de prisão e detenção arbitrárias, ou de busca e apreensão, são direitos protegidos pelo Estado com penalidades para aqueles que violam esses direitos. A polícia não está acima da lei. Tampouco os promotores ou juízes do Estado. Na Rússia, não é assim.

Embora a Rússia tenha, no papel, uma constituição com um processo democrático e um sistema jurídico que protege os direitos dos cidadãos, a realidade é outra. O sistema jurídico russo é uma quimera. O Estado tem o monopólio absoluto do poder. Aqui reside outra distinção fundamental entre os sistemas ocidentais e os Estados autocráticos. As democracias liberais, enquanto sociedades baseadas em direitos, adotam o princípio de que a lei se aplica igualmente a todos, o que significa que ninguém está acima da lei. A lei é suprema. Embora certamente existam exemplos de tratamento desigual pela lei ou dentro do sistema judiciário, o ideal permanece sendo a meta e o princípio orientador. Mas, é claro, somos humanos e a administração da justiça está sujeita, em sua execução, aos caprichos, preferências, vieses, preconceitos, preguiça e ignorância que acometem o julgamento humano. Cometemos erros, mas os reconhecemos e nos esforçamos para melhorar. Só podemos fazer o nosso melhor. Mas o nosso pior é muito superior ao melhor da autocracia.

Como a autocracia se recusa a admitir erros e não tolera críticas, ela parece ser mais estável do que as democracias indisciplinadas que, por definição, toleram opiniões diversas e até mesmo opostas. Permitimos críticas até mesmo aos nossos mais altos funcionários. A crítica é saudável. Na Rússia, assim como na Coreia do Norte e no Irã, os críticos são mortos – em regra, depois de serem torturados.

Enquanto as democracias liberais repartem o poder na oposição e entre as pessoas por meio de sistemas baseados nos direitos fundamentais, Estados como Rússia, China e Coreia do Norte são totalmente verticais na sua distribuição do poder. Isso significa que o poder é absoluto no topo e desce por escalões de poder cada vez mais reduzido até a base. Todos devem sua segurança não à lei ou aos direitos garantidos pelo Estado, mas ao apoio pessoal e à “proteção” de funcionários de alto escalão.

Podemos não enxergar facilmente a realidade por trás das máscaras da Rússia, mas a Rússia compreende bem as diferenças entre nossos sistemas de poder e os deles. Sejamos claros: se a Rússia realmente acreditasse que os sistemas ocidentais são inferiores, que a democracia, os direitos humanos e um sistema de justiça equânime e imparcial não são a base necessária para um Estado moderno e bem-sucedido, ela não se esforçaria tanto para fingir que também adota e pratica esses mesmos sistemas democráticos que são os pilares da cultura ocidental. Por que realizar “eleições” quando todo o processo é fraudulento e os resultados são determinados antecipadamente a portas fechadas? A Rússia pode apontar sua constituição como “prova” de seu compromisso com um sistema de justiça baseado em regras, mas o exame mais superficial de seus tribunais e disputas revela imediatamente a profundidade de sua corrupção do modelo ocidental. Na Rússia, como em qualquer organização mafiosa, tudo se resume a conexões com o poder.

A Rússia sabe que não pode competir abertamente com o Ocidente em termos da qualidade de vida que o Estado russo oferece a seus cidadãos, ou em termos de direitos civis ou liberdades pessoais. Portanto, em vez disso, ela concentra sua propaganda em “valores”. Os valores são intangíveis, incontamináveis pela realidade do Estado ou do sistema legal. Seu sistema de propaganda impinge ao público o sonho de que na Rússia os valores morais básicos, se não os legais, governam. Enquanto os russos cometem diariamente crimes de guerra em sua invasão da Ucrânia, destruindo cidades e vilas enquanto estupram, torturam e assassinam ucranianos que apenas pediram para ser livres, a Rússia, segundo eles, é o último bastião da moral em um mundo degenerado e imoral.

**Por que a Rússia mente**

Por que eles mentem? Pelo mesmo motivo que todos nós mentimos. Para obter algum benefício. No caso da Rússia, para ocultar a verdade inconveniente de que a manutenção do regime no poder não tem legitimidade além daquela que a força bruta por si só confere. Porque aqueles que exercem o poder e desfrutam de seus privilégios absolutos não estão dispostos a abrir mão deles sem lutar. Daí os séculos de brutalidade dos oligarcas czaristas, soviéticos e imperiais que esmagaram e empobreceram milhões de pessoas.

Eles mentem porque entendem que a verdade é a falência da Rússia.

Se, por exemplo, a Rússia reconhecesse o apoio fundamental dado a ela durante a Segunda Guerra Mundial pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha, seria mais difícil definir duas das maiores democracias do mundo como “inimigas”. E, conforme a clássica análise orwelliana, a Rússia precisa de “inimigos” para justificar sua própria existência. Da mesma forma, como qualquer reconhecimento do papel decisivo da Ucrânia na vitória diminui de modo considerável as reivindicações da Rússia tanto em relação à vitória quanto ao custo humano, a Rússia tem denegrido consistentemente o envolvimento ucraniano – se é que alguma vez foi reconhecido – a bem de projetar a imagem do poder *russo*. A narrativa propagandística de que a Rússia praticamente sozinha derrotou a Alemanha nazista, embora patentemente falsa, continua sendo um princípio central de sua imagem de Grande Potência Imperial – e que os cidadãos das nações da Europa Ocidental e dos Estados Unidos parecem ter aceitado em grande parte, totalmente inconscientes da história da guerra e do envolvimento não só da Ucrânia como também da Bielorrússia e de outros Estados soviéticos ocupados pela Rússia. Assim, também, se a Rússia honrasse o imenso sacrifício dos ucranianos e bielorrussos na derrota dos nazistas, os milhões que morreram defendendo suas respectivas nações da ocupação alemã nazista e de seu genocídio planejado, isso seria um evidente obstáculo à alegação da Rússia de estar, ainda, se defendendo de uma ameaça nazista. Como se a Ucrânia tivesse alguma intenção de atacar a Rússia ou, o que é ainda mais insano, de aderir à mesma ideologia de um sistema que tinha em seu cerne a aniquilação do povo ucraniano.

Portanto, em vez disso, a Rússia mente. E, não limitados por uma imprensa livre ou por uma população crítica, os propagandistas russos que, assim como toda a classe dominante, dependem da continuidade do Estado para seus próprios privilégios e casas de veraneio na Europa, estão empenhados em promover qualquer distorção da verdade que perpetue o *status quo*, desvie as críticas das falhas consideráveis da própria Rússia e obscureça a sua terrível realidade. Todos eles fazem parte do mesmo jogo cínico.

E mentem porque isso funciona. Os propagandistas de Putin dão ao povo russo o que ele deseja: significado. Seja na Rússia ou espalhados pela diáspora, os russos conhecem a pobreza da cultura russa. O que substitui a cultura, como escrevem uniformemente os autores russos, é o sofrimento russo. Os russos se orgulham de sua capacidade de suportar. Além de suas narrativas de privação e sofrimento, não há praticamente nenhuma cultura russa autêntica. A própria história da Moscóvia como uma agência de coleta de impostos ribeirinha para o Império Mongol não tem absolutamente nada de louvável. As tentativas desesperadas da Rússia de se apropriar da história da Ucrânia para si mesma – apagando a identidade ucraniana para que a existência dela não possa contradizer a reivindicação russa sobre a herança – é um reflexo do vazio que a Rússia experimenta em sua própria existência. Uma Rússia poderosa, uma Grande Rússia que o mundo teme, uma Rússia que estupra e tortura suas vítimas, dá aos cidadãos algo que o saneamento e a água corrente não podem dar: orgulho. Um senso de poder com o qual eles podem se identificar.

Um nacionalismo militar apelativo, promovido pela Igreja Ortodoxa da Rússia e ligado a ambições imperialistas, é a solução perfeita para um império sem sentido, repleto de pessoas degradadas e sem poder.

Isso é tudo o que a Rússia oferece. Sofrimento e *slogans* vazios.

\* \* \* \*

**Vernon Frolick** é canadense, advogado e escritor de *best-sellers* de não ficção. Trabalhou por muitos anos nos escritórios do Procurador Geral em Ontário e na Colúmbia Britânica, no Canadá. Como Conselheiro da Coroa, processou milhares de casos criminais e dedicou sua vida a promover os princípios da Justiça e do Estado de Direito. Vernon Frolick é filho de Stanley W. Frolick, Q.C., um advogado canadense que serviu como capitão na Inteligência do Exército Britânico na Segunda Guerra. Quando era estudante, na década de 1930, Stanley morava com seu tio, um padre católico na Ucrânia ocupada pelos poloneses, do outro lado da fronteira com a Ucrânia ocupada pelos soviéticos, e testemunhou o horror da fome forçada dos ucranianos dirigida pelos russos soviéticos, um genocídio reconhecido mundialmente, conhecido como Holodomor, que matou milhões de ucranianos de fome. Posteriormente, como oficial britânico, ele esteve na liderança das forças aliadas que libertaram as fábricas de trabalho escravo nazistas e novamente testemunhou em primeira mão a morte em massa que os nazistas infligiram aos europeus. Ele trabalhou com Eleanor Roosevelt, a diplomata americana e esposa do presidente, para interromper o programa de repatriação, chamando a atenção do governo dos EUA para o fato de que Stalin estava assassinando em massa os cidadãos repatriados que haviam sido forçados a trabalhar como escravos.

1. ***Digna de nota****, Anna Politkovskaya era filha de diplomatas de etnia ucraniana que representavam a delegação ucraniana (soviética) nas Nações Unidas. Nascida na cidade de Nova York e educada em Moscou, suas reportagens sobre as atrocidades russas durante a Segunda Guerra da Chechênia levaram à sua prisão pelo exército russo, que encenou uma execução simulada para dissuadi-la de continuar reportando. Ela foi assassinada em Moscou em 7 de outubro de 2006. Tinha 48 anos.* [*Outros seis jornalistas da Novaya Gazeta também foram assassinados desde 2000*](https://en.wikipedia.org/wiki/Novaya_Gazeta)*. A política agressiva da Rússia de matar repórteres independentes tem sido bem-sucedida em limitar narrativas que contrariam a propaganda oficial russa.* [↑](#footnote-ref-0)